Entrevistas **históricas, reveladoras, polêmicas, imperdíveis.**

Só com quem tem algo importante a dizer.

Confira o que eles pensam e dizem sobre assuntos atuais e relevantes.

UM PASSE PARA O FUTURO

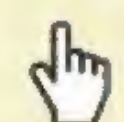
Em 1970 éramos "90 milhões em ação", como informava a letra da canção ufanista composta por Miguel Gustavo, que o regime militar usava como cortina de fumaça contra o autoritarismo e a revelação de episódios de tortura. Via-se televisão em preto e branco, e houve entusiasmo quando se anunciou que, nos jogos da Copa do México, os gols poderiam ser revistos, em "replay", com câmera lenta. O mundo, enfim, era incolor e vagaroso, sem computadores domésticos, sem internet, sem smartphones. PLACAR foi lançada em março daquele ano, com a promessa de trazer fotos coloridas e contar tudo sobre as partidas do sábado e domingo, chegando às bancas e à casa de assinantes a partir de terça-feira, semanalmente.

De lá para cá, a revista seguiu o futebol com paixão inigualável, alimentada por notícias exclusivas, entrevistas bombásticas e as fotos mais memoráveis. São 50 anos de história, o que não é pouca coisa. PLACAR acompanhou Pelé, presença contumaz em suas páginas, por motivos óbvios, desde o derradeiro desfile em campos mexicanos até a despedida, em 1977, e sua vida longe dos gramados; viu nascer e crescer gênios como Zico, Romário, Ronaldo e Neymar. Testemunhou as posturas sempre inteligentes e influentes de Tostão e Sócrates. Iluminou a carreira de Cruyff e Maradona. Fez tudo isso com especial apreço pelo que vai fora dos estádios porque, como disse, em 1994, o treinador italiano Arrigo Sacchi, "o futebol é a coisa mais importante entre as coisas menos importantes de nossa vida".

O olhar retroativo, de antologia, que esta edição de aniversário oferece é também a inauguração de um novo tempo para os amantes de PLACAR — trata-se de dar alguns passos para trás, como fazia Gérson, o "canhotinha de ouro" do tri, para enxergar a beleza do passado e, então, lançar a bola lá na frente. Além da versão impressa, das edições especiais, dos guias e dos pôsteres dedicados aos campeões, a nova PLACAR estará permanentemente plugada na internet e nas redes sociais, todos os dias, a qualquer momento, em especial no Instagram, no Facebook e no Twitter, em constante parceria com os profissionais da editoria de esportes de VEJA. Que venham os próximos 50 anos.

revistaplacar

@placar

@RevistaPlacar

veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

SUMÁRIO

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA (1936-2013)**

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia - Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues, **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisão:** André Luís Porto Araújo, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Adriana Gironda, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Gabriel Gama e Rodolfo Rodrigues (texto)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Willian Hagopian (Regionais) **DIRETORIA DE MERCADO** Carlos Nogueira **BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO** Andrea Abelleira **PRODUTOS E PLATAFORMAS** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1459 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

www.grupoabril.com.br

PLACARNAVAL

MEMÓRIAS DE UMA REDAÇÃO BAGUNCEIRA E BRIGUENTA QUE FAZIA A CADA SEMANA UMA REVISTA APAIXONANTE

Por Carlos Maranhão*

Era uma zona, como a gente dizia. A redação de PLACAR ficava no final do longo corredor do 4º andar do prédio da Marginal Tietê, sede da Editora Abril, lugar barulhento, longe de quase tudo, poluído, exposto às enchentes que castigavam São Paulo e muito, muito abafado. Mas como era divertido trabalhar lá no início dos anos 1970, quando a revista ainda engatinhava. Ou, em condições diferentes, nas décadas seguintes. Naquele corredor, em que tínhamos como vizinhos as mensais QUATRO RODAS, NOVA e REALIDADE em última fase, jogava-se futebol com bolas feitas de laudas amassadas (laudas eram folhas de papel nas quais se datilografavam os textos em ruidosas máquinas de escrever).

Além de futebol, jogavam-se "biribol", inventado pelo chefe de

LEMYR MARTINS

1970

À esquerda, em pé, os fotógrafos Manoel Motta e Sebastião Marinho *(de gravata)*; sentado, de bigode, o redator Marco Aurélio Guimarães, o Jangada, que respondia às cartas dos leitores, na seção Camisa 12, com o pseudônimo de Capu; à cabeceira, o editor Dante Mattiussi; ao lado dele, à esquerda, o diretor de redação Cláudio de Souza e, à direita, o repórter Michel Laurence; sentados, à direita, o redator Ramón García y García e, de costas, o repórter Hedyl Valle Jr.

Acima, capas das "edições zero", as revistas feitas antes da estreia, para testar as equipes de arte e texto

arte, conhecido como Biriba (uma prancha de madeira com onze pregos de cada lado e bolinha de botão), e xadrez. Biribol, tinha um. Tabuleiros de xadrez, três ou quatro. Organizávamos torneios, disputados inicialmente no horário do almoço e depois, tendo virado febre, no meio do que deveria ser o expediente e à noite, entre um fechamento e outro das matérias.

A maioria saía para comer no refeitório da empresa, o "Lixão", palco de acaloradas discussões sobre as reportagens em andamento, o futebol em geral e política. No dia do pagamento, o Lixão era trocado por um dos restaurantes próximos: o Recreio Jaraguá, cujo gigantesco filé à milanesa servia duas ou três pessoas, a pizzaria Bruno, ambos na Freguesia do Ó, o Careca, na Lapa, e o Michelle, nas Perdizes.

Com a turma de volta, lá pelas 3 da tarde um boy vinha correndinho entregar o café em garrafa térmica. Parava-se de trabalhar ou de movimentar peões, bispos e cavalos para se cantar em coro: "O fresquinho chegou / chegou, chegou...". Mais um pouco, aparecia outro boy serelepe com um carrinho para vender refrescos, sanduíches e cigarros. "Olha o vício", dizia, sabendo o que o esperava. Era saudado com uma musiquinha que parecia extremamente ofensiva, mas que ele ouvia às gargalhadas: "Caju, caju / o refresqueiro tem que ir tomar...".

Os colegas das demais revistas pediam inutilmente que se fizesse silêncio. Acabaram se acostumando, admirados que, com tamanha zorra, a revista saísse sem páginas em branco toda semana. Ao anoitecer, eles acertavam o relógio quando, às 6 em ponto, a inicialmente escandalizada secretária — também ela se habituaria à balbúrdia e às cantorias obscenas — apanhava a bolsa para ir embora. "Oh, Lígia Lúcia, / fica mais um pouquinho...", gritava-se, dessa

vez sem rima e com o ritmo marcado por tapas na mesa.

Se os telefones tocavam, a barulheira atrapalhava qualquer conversa. Protegia-se o bocal com as mãos para que se pudesse falar. Durante o mês de fevereiro, era comum atender assim: "Placarnaval, boa tarde!". Quem estava do outro lado da linha pensava que era engano e desligava. Essa perplexidade se repetia se quem pegava a ligação era o arquivista conhecido como Vaguinho, dada sua semelhança física com o ponta-direita do Corinthians. "Quem está falando?", perguntavam. "O Pedro Álvares Cabral", ele respondia, muito sério, dando seu nome completo e verdadeiro.

Não apenas em fevereiro, mas em todo o verão ou nos dias mais quentes, por causa do ambiente sem ar condicionado, alguns trabalhavam sem camisa. Houve uma tarde, especialmente tórrida, na qual um dos chefes resolveu ficar de cueca. Antes, porém, prudentemente, pediu à secretária que assinasse um papel para autorizá-lo "a permanecer no recinto, em virtude da elevada canícula reinante, nos chamados trajes sumários".

Ninguém nos incomodava e nenhum alto executivo da empresa tomava conhecimento da bagunça. É que os donos e os diretores não tinham interesse por futebol, eis a verdade. Eles jamais apareciam na nossa redação, embora fossem uma presença constante na de VEJA. O editor da Abril, Roberto Civita, costumava perguntar por que um jogo de futebol poderia terminar em empate, o que não acontecia no basquete ou no beisebol.

Tudo isso era apenas um prelúdio do que se veria nas intermináveis noites de domingo. Logo que acabava a rodada dos campeonatos, o pessoal chegava para o fechamento — ou seja, a conclusão de uma mais uma edição, com as reportagens e as fotos dos jogos do fim de semana.

Nós, os repórteres e fotógrafos, éramos os últimos a aparecer, pois vínhamos diretamente dos estádios, depois das entrevistas nos vestiários, a bordo dos Fuscas pintados de branco e verde, as cores da empresa. Famintos e com a garganta seca, esperávamos impacientes a distribuição dos lanches e latinhas de cerveja para recomeçar o trabalho.

A TV em preto e branco permanecia ligada em volume alto nos programas esportivos. No canto da sala, um pequeno time de redatores e estagiários organizava o Tabelão. Era uma tarefa meticulosa e insana. Tratava-se de preparar as fichas técnicas de cada jogo dos principais campeonatos regionais do país: Paulista, Carioca, Mineiro, Gaúcho, Paranaense, Baiano e Pernambucano. Ou do Brasileiro, no segundo semestre, sem contar as competições internacionais relevantes e os resultados da Fórmula 1, que PLACAR acompanhava com enviados especiais. Mandaria gente até para o Japão.

1979

O redator-chefe João Rath e, atrás, Jangada

RONALDO KOTSCHO

RONALDO KOTSCHO

1979

O diretor de redação, Jairo Régis, à esquerda, e seu sucessor, Juca Kfouri

Viajava-se muito, tanto para cobrir a F-1 como para fazer o registro das partidas da seleção brasileira e dos grandes clubes nacionais, sem contar, naturalmente, a Copa do Mundo, com equipes numerosas, e as Olimpíadas. Para não falar do Campeonato Paulista. Quando um dos grandes clubes da capital ou o Santos iria jogar em Ribeirão Preto, por exemplo, uma dupla de repórter e fotógrafo seguia para lá no sábado, em carro com motorista, hospedava-se em um bom hotel, transmitia o texto por telefone, despachava as fotos e voltava sem pressa na segunda-feira. Tudo custava caro.

Voltando ao Tabelão. As fichas traziam os resultados das partidas, escalações, substituições, autores e tempo dos gols, árbitro, público, renda e eventuais expulsões, mais as classificações atualizadas e a rodada seguinte. Nenhum jornal diário oferecia um serviço semelhante. Não havia dificuldade alguma para apurar os dados dos encontros realizados nas maiores cidades, sempre acompanhados de um representante da revista, mas como conseguir as informações de um jogo nos confins do Rio Grande do Sul ou no interior de Pernambuco que nenhuma emissora havia transmitido?

Os correspondentes que se virassem. Ligavam para as rádios, para os jornais, para a casa dos plantonistas que já haviam encerrado sua jornada e, no desespero, para os estádios. Na redação, dispúnhamos de uma única linha direta de telefone, disputada a tapa. Mas, no fim da noite, como numa mágica que se repetia semanalmente, tudo vinha para a redação, fosse por telefone, fosse por telex. Sim, o hoje desconhecido telex, do qual ninguém se lembra mais. O que seria do jornalismo daqueles dias sem ele?

Escrevia-se primeiro a máquina em laudas. Em seguida, o repórter dirigia-se com elas nas mãos à agência central dos Correios para usar uma cabine pública do tal telex. As sucursais equipadas com o enorme aparelho eram somente as do Rio de Janeiro e de Brasília, para atender a VEJA, carro-chefe da empresa. Grandalhão e estridente, o trambolho parecia uma enorme máquina de escrever com o barulho amplificado. Enquanto se datilografava, em letras maiúsculas, como nos telegramas, uma fita saía picotada da geringonça. Terminada a gravação dos caracteres, encaixava-se ao lado do teclado a fita devidamente enrolada, com cuidado para que não se rompesse, e discava-se o número do telex que receberia a transmissão. Nesse caso, um dos quatro instalados em uma sala três andares acima. No final do complicado processo, o operador de plantão cortava uma imensa tira de papel que fora impressa em duas vias, com carbono, e a levava ligeirinho para o nosso andar.

De um jeito ou de outro, os textos e fichas eram recebidos antes do horário fatal — por volta da meia-noite, a tempo de enviá-los para a gráfica dentro do prazo. Na terça-feira, a revista amanhecia nas bancas (em Porto Alegre e no Nordeste,

na quarta, mas os leitores pareciam esperar com resignação). Não era milagre, mas o resultado da trabalheira no meio de tanta baderna.

Normalmente, logo após o Tabelão, a última página a ficar pronta, durante a temporada do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, em 1970, e a partir do ano seguinte o Campeonato Brasileiro, era a Bola de Prata — que escolhia os melhores de cada posição, rodada por rodada. Precisava-se esperar as notas, atribuídas pelos repórteres da revista e um ou dois jornalistas convidados. E vinha mais um coro daquele bando ruidoso, com a melodia de *La Cucaracha*, para apressar o fechamento: "Bola de Prata / Bola de Prata / tarará tarará! Essas musiquinhas eram improvisadas pelo Biriba, eventualmente com "arranjos" do redator Marco Aurélio Guimarães, o Jangada, compositor de sambas-enredo nas horas vagas.

Enfim, morto mais um leão a pauladas, chegava o temido momento de se acomodar nas cadeiras ou em cima das mesas. Iria começar, entrando pela madrugada de segunda-feira — o nosso dia de folga —, a tumultuada reunião de pauta para o próximo número. Cada editor, repórter e fotógrafo tinha de apresentar suas sugestões de matéria.

O cansaço, o adiantado da hora, a irritação dos que não se conformavam com a derrota do time pelo qual torciam — não havia quem não tivesse um, é claro — e o consumo de cerveja cobravam

RONALDO KOTSCHO

1981

O redator Marcelo Vaz lendo uma matéria enviada por telex e, à direita, o arquivista conhecido como Vaguinho, cujo nome verdadeiro era Pedro Álvares Cabral

1980

À esquerda, com a camisa do São Paulo, o chefe de arte Biriba (Afonso Luiz Grandjean Pinto), criador do "biribol" e das musiquinhas que a redação cantava; ao seu lado, o fotógrafo Alemão (Ronaldo Kotscho); atrás, segurando uma camisa do Santos, o repórter Fábio Sormani; à frente, o designer Anjinho (Walter Mazzuchelli), para quem aponta o produtor Rafael Vieira Filho; à direita, de barba, o repórter Carlos Maranhão; no meio, andando, o repórter fotográfico Lemyr Martins; em pé, à direita, a secretária Sofia Bárbara

o seu preço. Certas sugestões eram torpedeadas pelos mais esquentados. Havia bate-boca, com palavrões. O clima tenso se devia também aos rumores recorrentes, ora infundados ora não, de que a revista estava dando prejuízo, vendia mal e iria desaparecer. Sem assinaturas e com pouca publicidade em quase toda a sua história, PLACAR dependia da venda em bancas para arcar com os custos, equilibrar receitas e despesas — e, se possível, dar lucro. Por vários anos, ela manteve-se na casa dos 100 000 exemplares por semana, número considerado satisfatório, mas que em determinados períodos caía para a metade e mesmo a cerca de um terço disso. Felizmente, o equilíbrio acabava sendo alcançado com o fluxo rápido de caixa em épocas de inflação alta — os jornaleiros acertavam a conta em poucos dias, ao contrário do que faziam com as publicações mensais e anuários, de retorno bem mais lento — e o que a revista pagava pelos serviços da distribuidora e da gráfica, ambas de propriedade da empresa.

A revista mudaria inúmeras vezes: de formato, de papel, de receita editorial, de equipe, de periodicidade e de nome (foi, por breves períodos, PLACAR TODOS OS ESPORTES e PLACAR MAIS), mas sobreviveria bravamente por meio século — e, como se vê, continua viva. Nesses 50 anos, publicou reportagens, fotos e capas que marcaram época no jornalismo esportivo brasileiro e encantaram gerações de leitores. Para citar apenas umas poucas, que aparecerão ao longo desta edição:

- A cobertura de treze Copas do Mundo e doze Olimpíadas.
- As imagens inesquecíveis de Pelé dando um soco no ar na Copa de 1970 (Lemyr Martins) e, passados muitos anos, com o suor na sua camisa em forma de coração (Luiz Paulo Machado), Falcão comemorando loucamente em 1982 o empate contra a Itália que daria a classificação para o Brasil, não fossem os três gols de Paolo Rossi (J.B. Scalco), Taffarel defendendo pênalti na final de 1994 (Pedro Martinelli), sete holandeses contra um argentino em 1974, um ícone da Laranja Mecânica (Sergio Sade), o voleio de Rivaldo diante da Bélgica em 2002 (Ricardo Corrêa)...
- A denúncia da Máfia da Loteria Esportiva, em 1982.
- O raríssimo encontro em 1982 de Pelé com Garrincha dez semanas antes da morte deste.
- Pelé com uma camisa encomendada pela própria revista em seu 1000º jogo, em 1971, e suas posteriores despedidas da seleção brasileira, do Santos e do futebol.
- Jorginho segurando um porco vivo em 1986, quando o Palmeiras assumiu pela primeira vez o apelido que era considerado pejorativo.
- Edmundo acariciando um ursinho de pelúcia, com o título "O Animal precisa de carinho".
- Sócrates fantasiado de dom Pedro I, na campanha das Diretas Já, e maquiado, ao lado de Zico, como se fosse um cinquentão.
- O cardeal dom Paulo Evaristo Arns junto da bandeira do Timão e a chamada "O Corinthians mais perto de Deus".
- A entrevista de Tostão, em 1984, quebrando onze anos de silêncio.
- As memórias do ex-atacante Almir, o Pernambuquinho, com revelações escandalosas sobre o submundo do futebol, em 1973 (ele seria assassinado durante a publicação da série).
- E muito, muito mais.

Ah, sim. A zona, as bagunças, as cantorias e o futebol com bolas feitas de laudas — que desapareceram junto com as máquinas de escrever e o telex — foram sumindo devagarzinho, sem que PLACAR perdesse o fundamental: a alma apaixonada que a trouxe até aqui.

* Carlos Maranhão trabalhou em PLACAR durante quinze anos, em três passagens, como repórter, editor e diretor de redação

O LADO ESCONDIDO DA BOLA

REVELAÇÕES E CONVERSAS QUE ESCANCARARAM OS BASTIDORES DA SELEÇÃO E DOS CLUBES TRAZENDO À TONA INFORMAÇÕES QUE SAÍRAM DE CAMPO PARA ENTRAR NA VIDA ÍNTIMA DE TREINADORES E JOGADORES — SEMPRE COM MUITO BARULHO

Por Maurício Barros*

Você chegou a desejar a morte?
Cadeia não tem nada de bom. No início foi muito difícil. Quando um preso chega, ele fica em observação num lugar escuro, uma solitária mesmo. É uma ilha em que o preso fica no máximo por trinta dias sem ter acesso a nada, nem a televisão nem aos outros presos. Mas eu passei dez meses nesse lugar. Achava que minha vida tinha acabado, não tinha Deus na minha vida. Meu coração estava cheio de ódio e revolta. Aí resolvi dar fim à minha vida. Não queria ser um peso para minha mãe nem para ninguém. Tentei o suicídio. Amarrei o lençol na ventana, que é alta, coloquei-o no pescoço e saltei. Mas a corda arrebentou e eu caí no chão.
(...)
Você não mandou matar a Eliza?
Sou firme no que eu falo. Não mandei matar a Eliza. No inquérito não há nenhuma prova, nenhuma escuta que prove que eu mandei matar a menina. Não tinha por que mandar matar a minha garota. Fui omisso, e a corda arrebentou para o meu lado.

Crimes são notícia desde a invenção da notícia. O editor Deus teria obrigação de "dar" Caim na capa do *Diário do Paraíso* — e não uma perfumaria qualquer, do tipo "Dezoito dicas para reformar o seu Jardim do Éden". Por isso, era natural e óbvia a operação de guerra montada pela redação da PLACAR naquele fim de março de 2014. Tínhamos horas contadas para resgatar o repórter Breiller Pires e o fotógrafo Alexandre Battibugli, arrancá-los de dentro dos muros da Penitenciária de Segurança Máxima Nelson Hungria, em Contagem, Minas Gerais, trazê-los de volta à redação, na Zona Oeste de São Paulo, a tempo de inserir capa e reportagem na edição de abril de PLACAR, àquela hora toda fechada, paginada, apenas com a tal pendência.

Táxi, avião, carro. E, nos telefones e e-mails, dá-lhe negociação com gráfica, assinaturas, distribuição. Esticando os prazos, tangenciando a irresponsabilidade da questão logística — jornalismo também é indústria. Estávamos como pinto no lixo, pois aqueles eram os momentos de ten-

JOÃO SALDANHA, 1970

A FERA DAS FERAS FERIDA

O treinador João Saldanha deixou o comando da seleção pouco tempo antes da Copa do México, trocado por Zagallo — foi um escândalo, ninguém entendia o motivo para demiti-lo, depois da extraordinária campanha das eliminatórias, com as "feras", como foram apelidados os jogadores do time. Alguns disseram ter sido birra do governo militar, que não aceitava um comunista declarado comandando o Brasil. Houve quem apostasse numa briga sem solução depois que o próprio presidente, o general Médici, pediu a convocação de Dario, o Dadá Maravilha, à revelia do técnico. E havia o episódio da miopia de Pelé — Saldanha dissera que o Rei enxergava mal. Em março de 1970, PLACAR publicou um depoimento exclusivo, em primeira pessoa, que virou manchete dos jornais.

"Todos os brasileiros têm o seu time. Escalei o meu time. Então sofri as maiores injunções que jamais alguma pessoa possa ter sofrido. Mas meu time era o meu time. Fui para as Eliminatórias, lutei. Entre os dezesseis países classificados para a Copa, o Brasil foi o que conseguiu a classificação mas elogiada pela imprensa estrangeira.

O treinador, trocado por Zagallo meses antes do tri: "Não sou sorvete para ser dissolvido"

Eu sabia que aquele 'topo' ia causar uma revolução no futebol brasileiro. A seleção estava desmoralizada. O Maracanã não enchia nem contra a seleção da Fifa, nem contra a seleção da Alemanha. O povo não acreditava mais. Eu achava que devia promover o nosso futebol — provocar, chamar atenção pra cima da gente, pra cima de mim se fosse preciso. Devíamos chamar o povo de novo para dentro do Maracanã. E acho que tive grande êxito nessa parada.

De repente surgiu uma crise. Se perguntarem hoje porque fui demitido, palavra de honra, juro pela Teresa e pelas crianças que não sei. Porque não me deram nenhuma explicação, tentaram fazer com que eu pedisse demissão. Disseram-me que a comissão técnica estava dissolvida. Eu respondi:

— Não sou sorvete para ser dissolvido. Que quer dizer dissolvido? Demitido?

— Está demitido.

— Até logo, boa noite, vou para casa dormir.

E não há ninguém que tire a tranquilidade do meu sono. Por que aconteceu isso? Não sei bem. Vou tentar adivinhar.

Sei que todo o bode está aí formado em torno do Pelé. Tenho relatórios médicos do Pelé que vêm de 1960. Vejam isto *(o texto é do jornalista Armando Nogueira, revista* Senhor, *novembro de 1960, pág. 53, "O laudo do dr. Hilton Gosling").*

são e tesão que, sabemos nós, jornalistas, são a pura cachaça de quem escolheu viver de contar histórias. E a história era pesada, assombrosa, relevante.

O ex-capitão do time mais popular do Brasil estava preso e decidira falar. Breiller e Batti trariam o resultado de uma negociação de meses do repórter com advogados e autoridades penitenciárias: uma entrevista exclusiva com o goleiro Bruno, ex-Flamengo, condenado pelo assassinato de Eliza Samudio, mãe de seu filho Bruninho. Era a primeira entrevista na cadeia de Bruno a um veículo impresso — ele só havia falado uma vez, a uma emissora de TV.

O resultado foi uma capa forte, impactante, com um close de Bruno *(veja na pág. 55)* e a frase em que pedia à Justiça que o deixasse, em uma concessão de regime, cumprir o contrato assinado com o Montes Claros. A natureza do crime chocara o país, e a simples imagem de Bruno induzia repulsa, ódio e revolta em grande parte da opinião pública. Seu rosto em close, agora, estava nas bancas e nos lares de milhares de assinantes logo abaixo do logo de PLACAR, nosso estandarte.

Soltamos uma prévia no site da revista, divulgamos nas redes sociais. Eu estava pronto para a pancadaria. Jornalismo, também, é quase boxe: você apanha, assimila e contra-ataca para dar o cinturão ao leitor — porém jamais se esquiva. Foi assim que eu já havia flertado com a excomunhão na antológica capa de PLACAR com Neymar crucificado à Jesus de Velázquez, em 2012, que ganharia críticas severas da CNBB e, depois, o prêmio de melhor capa daquele ano entre todas as revistas brasileiras, em eleição da Associação Nacional de Editores de Revistas. E veio a esperada artilharia. Como podíamos dar tamanho espaço

No ano passado, depois de examiná-lo três vezes em seis meses, para jogar na seleção, o médico Hilton Gosling concluiu que Pelé estava sob séria ameaça de um colapso renal (uremia), que bem podia decorrer do grande esforço a que vinha sendo sujeito, fazendo em média três jogos por semana. O médico mandou um relatório confidencial, advertindo as autoridades esportivas do perigo que corria a saúde de Pelé. O relatório foi encaminhado ao Santos Futebol Clube, cujo presidente se comprometeu com a CBD a dar uma folga ao jogador. Mas, três meses adiante, o Santos entregava Pelé ao selecionado brasileiro nas seguintes condições físicas: tornozelo direito inflamado e recém-saído do gesso com tratamento incompleto: frieiras e calos infectados em quase todos os dedos dos pés: contusão na planta do pé direito, que mal lhe permitia pisar no chão.

Pelé é o jogador mais sacrificado do futebol brasileiro. Ganha por jogo — e precisa jogar, porque senão seu clube não ganha. Acho que o Pelé faz muito bem. Mas ele é um ingênuo, uma criança, não sabe que é o homem mais explorado do mundo. Em torno dele muita gente enriqueceu.

Contra esse rapaz têm sido cometidos os crimes mais estarrecedores. Não sei se vale a pena lembrar um caso em Milão, em 1963. Quando o chefe da delegação disse que Pelé teria de entrar em campo de qualquer maneira, o doutor Hilton Gosling recusou-se a fazer uma infiltração de novocaína para que ele entrasse no circo romano para satisfazer as hienas que estavam nas arquibancadas. O Pelé jogou dez minutos. Se não jogasse, não haveria jogo. O contrato com a federação italiana obrigava a sua presença.

Vem a seleção brasileira, e eu estou no meio do negócio. Feitos os exames médicos, são-me apresentados os problemas, mas superficialmente, sem nenhum caso sério. Fomos para o campo jogar a primeira partida com o Pelé, à noite.

Aconteceram duas ou três jogadas em que não era possível ele errar. Perguntei ao médico se havia algum problema com Pelé. Ele disse que não. Veio outro jogo. Perguntei novamente ao médico, e ele respondeu que não havia problema algum com Pelé. Quando o Pelé errou duas ou três jogadas em outro jogo noturno, eu disse:

— O Pelé errou aquelas jogadas porque não enxergou a bola.

Imprensei o médico e disse que notara algum problema com o Pelé.

— Quero um exame de saúde da ponta do cabelo à ponta dos pés. Jamais botarei no campo um jogador que não tenha condições físicas para disputar uma partida.

Então o doutor Lídio me confessou que Pelé sofria de miopia.

Eu jamais revelei esse problema. E lamento que o doutor Lídio — informante de um jornal do Rio, não sei se como assalariado ou gratuitamente — tenha revelado isso.

(...)

O remédio para Pelé é jogar apenas uma vez por semana. Assim o Pelé não terá nenhum problema, mesmo que fosse cego dos dois olhos. Não pensem que estou fazendo uma campanha de derrotismo. Não. Minha luta é outra. Se eu quis poupar Pelé, era porque acho que ele é mais importante naqueles vinte dias de brigas, de guerra de foices, de guerra de feras, lá no México.

(...)

Vamos dar apoio à seleção, vamos livrar a seleção da sujeira. Vamos tirar o pânico dos jogadores brasileiros."

ALMIR PERNAMBUQUINHO, 1973

"COM UMA BOLINHA NA CUCA"

O bad boy dos anos 60 e início dos 70 *(à esq.)*, jogando pelo Flamengo: fama de "marginal", que ele, na verdade, incentivava

Antes de Romário, antes de Edmundo, que fizeram fama pelo futebol e pela cara de mau, outro bad boy desfilou pelos gramados brasileiros: Almir Morais de Albuquerque, o Almir Pernambuquinho. Atacante veloz, brilhou no Vasco, no Corinthians e no Flamengo. Inteligente, rápido de raciocínio e afeito a contar as verdades escamoteadas, em 1973 ele aceitou conceder um longo depoimento a PLACAR, dado aos repórteres Fausto Netto e Maurício Azêdo. O relato seria publicado em treze edições. Antes do fim da série, Almir foi assassinado numa briga de bar, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Tinha 35 anos.

"Por que eu fui um marginal? Marginal era eu, um garoto educado num colégio religioso, ou os caras que me davam bolinha, como deram a muitos outros jogadores e ainda continuam dando? Alguém tem dúvida de que existe doping no futebol, que nos jogos mais importantes há muitos jogadores drogados, uns porque o clube lhes dá bolinha, outros porque tomam por conta própria?

Naquele Santos e Milan de 14 de novembro de 1963, aqui no Maracanã, eu entrei muito doido no campo. Antes de começar o jogo, Alfredinho, então assistente do Lula, treinador do Santos, me chamou e falou claro, porque aquilo era normal, tão normal quanto a distribuição de camisas:

— Você quer tomar uma bola?

para aquele homem? Estampar sua imagem na capa? Que apologia do crime era aquela? PLACAR estimulando o feminicídio?

Tínhamos segurança. O trabalho de Breiller era irrepreensível. Narrava com detalhes a rotina do goleiro na prisão. A entrevista era forte, fazia perguntas duras, exercitava todos os princípios do bom jornalismo. Não negava a gravidade do caso nem sua face hedionda. Foi assim que respondi às entrevistas de veículos que cobrem a mídia, que logo vieram me ouvir sobre a repercussão da edição. Lembro de uma repórter que me perguntou sobre as críticas que leitores faziam de a revista tentar, com aquela capa, "humanizar" um assassino. Sua expressão, aliás, no meu entender, gerava até mais repulsa que compaixão. Respondi que isso era impossível, simplesmente porque Bruno, condenado por um crime bárbaro, não havia deixado de ser um ser humano. Não era preciso, portanto, humanizá-lo. Nem a ele, nem a nenhum criminoso. Humanos cometem monstruosidades. E continuam sendo humanos.

Suor e sorte se combinam nos bons repórteres. Breiller conseguiu a entrevista de Bruno com meses de transpiração. Joanna de Assis, uma de nossas melhores colaboradoras, nunca economizou suor. Mas ela deu a incrível sorte de pegar Nilton Santos, um dos maiores craques brasileiros da história, de mau humor. Era uma entrevista sobre seus 80 anos e as homenagens que se aproximavam. Nilton atendeu o telefone, ouviu a primeira pergunta e tratou de soltar os cachorros. "Já passei um monte de aniversário e ninguém me ligou. Mas agora é 80 anos, né? Não quero homenagem alguma! O Botafogo inventou isso, mas eu não estou interessado! Não sou herói. Quem vai para a guerra é que é, não eu. Eu quero ser esquecido!" E Joanna mal conseguia per-

Por que eu não ia querer? O bicho pela conquista do bicampeonato mundial de clubes era de 2 000 cruzeiros: dava para comprar um Volkswagen zerinho. Nós entrávamos em campo vendo o automóvel ao alcance da mão.

Eu respondi com a maior naturalidade:

— Quero, sim. Me dá uma aí.

Depois que o Alfredinho me deu a bola, fiquei doido, na vontade mesmo. Eu estava substituindo o Pelé, que tinha se machucado, e precisava dar tudo de mim, porque substituir o Negão é muita responsabilidade. O Santos tinha um timaço (Gilmar; Ismael, Mauro, Haroldo e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe), mas naquela noite estava sem as suas duas peças principais: Zito, que foi substituído por Lima, e Pelé, que estava com uma distensão na coxa. Eu peguei a camisa 10 mais famosa do mundo e fiz uma promessa a mim mesmo:

— Vou jogar por mim e pelo Negão.

O jogo ia ser travado num clima de guerra. Na primeira partida, lá em Milão, o Milan havia derrotado o Santos por 4 a 2, um gol do zagueiro Trappatoni, outro do Bruno Mora e dois de Amarildo, contra dois de Pelé (um deles de pênalti, quase no finzinho do jogo). Os italianos estavam muito assanhados: meses antes, eles haviam ganho de 3 a 0 da seleção, que tinha sete jogadores do Santos (Gilmar, Lima, Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe). Como o Brasil era bicampeão, os italianos achavam que tinham se tornado os maiores do mundo.

Eu tinha uma diferença com o Amarildo, provocada pelo resultado do primeiro jogo. Em entrevistas à imprensa italiana, ele cansou de repetir que o Milan ia faturar o título fácil. Um jogador dizer isso faz parte da guerra de nervos. Mas ele não ficou só nisso: disse também que Pelé 'já era'. Eu me esquentei: um brasileiro falar mal do Pelé não estava certo.

Com uma bolinha na cuca, eu entrei no campo como um touro bravio daqueles que vi na Espanha. Tomei uma resolução:

— Logo de cara, eu vou acertar o Amarildo.

Eu ia dar por mim e pelo Pelé, que nem sabia da minha intenção. Eu ia dar, e pronto. O cara que fala mal do Pelé tem de receber o troco.

Com um minuto de jogo, Amarildo pegou a bola e fez uma jogada que executava no Maracanã desde os tempos em que jogava no Botafogo. Eu tinha sido advertido para isso no primeiro jogo, manjei bem o estilo dele; sabia a zona do campo onde poderia cercá-lo. Ele descambou para a esquerda e procurou se aproximar da linha de fundo, por fora da área, para tentar o cruzamento com violência ou o chute direto ao gol. O danado tinha bom domínio de bola, driblava bem, chutava como gente grande. Ele vinha sassaricando, queria impressionar, estava naquela de mostrar que era o 'Possesso', apelido que ganhou na Copa de 1962.

Mas possesso ali era eu. Corri em diagonal na direção dele, avisei ao Ismael e ao Mauro para fazerem a cobertura, disse que aquele era meu:

— Deixa esse filho da mãe comigo!

Foi um toco só."

Na final do Mundial Interclubes de 1963, Santos e Milan tinham vencido uma partida cada um, ambos por 4 a 2. No jogo extra, no Maracanã, os santistas fizeram 1 a 0, gol de pênalti convertido por Dalmo e sofrido por Almir. Aos 29 minutos do segundo tempo, ele deixou a zaga italiana em polvorosa. A vitória deu o bicampeonato mundial ao time de Pelé.

"QUERO FICAR NO MEU PAÍS PARA PARTICIPAR DA RECONSTRUÇÃO DELE"

LUIS CRISPINO

O atacante do Corinthians e da seleção como dom Pedro I: o Dia do Fico

Em um comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, em 16 de abril de 1984, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o doutor Sócrates do Corinthians, fez uma promessa: ficaria no Brasil, e recusaria as propostas do futebol italiano, caso a emenda Dante de Oliveira, que propunha eleições diretas no país, fosse aprovada. Antes da votação, ele deu uma entrevista exclusiva a Juca Kfouri, na qual tratou, fundamentalmente, de política, de democracia, dos problemas do Brasil. A Dante de Oliveira foi rejeitada pelo Congresso. E Sócrates foi embora, para o Fiorentina.

Para quem jogou a Copa da Espanha, vista quase pelo mundo inteiro, dá para comparar a emoção de um gol como o contra a Itália, por exemplo, ao delírio da multidão quando você anunciou que ficaria no país caso a Dante de Oliveira seja aprovada?

A grande diferença é que na Copa eu era o artista. No comício eu era um dos participantes, o que dá muito mais responsabilidade. Estávamos todos lutando pelo mesmo ideal.

Na Praça da Sé, num dia em que todos diziam "sim", diziam "já", uma massa enorme de gente dis-

guntar. Nilton não parava. "Ficam me chamando de Enciclopédia do Futebol. Que Enciclopédia, o quê! Desculpe-me por estar desabafando com você, mas isso está me fazendo um bem enorme. Se eu não falar, eu infarto, sério! Pô... Chegam para um menino de 10 anos e me apontam: 'Sabe quem é ele, Zezinho?'. E eu fico ali... Feito um boneco, olhando para os dois. Pô, não sou retardado! É claro que o moleque não sabe!!! Olha, me desculpe de novo, mas eu precisava falar." Na edição, primorosa, as perguntas de Joanna eram do tipo: "Mas...", "E o senhor...", reproduzindo exatamente o clima da conversa.

Entrevistas e depoimentos são gêneros fascinantes, e a trajetória de PLACAR está repleta de momentos antológicos. O primeiro deles, logo na edição número 2, de março de 1970, foi a "Carta aberta ao futebol brasileiro", em que João Saldanha, recém-demitido do cargo de técnico da seleção brasileira às vésperas da Copa do México, narrava os "subterrâneos" do futebol no país. Houve muitos outros. A série de conversas com Almir Pernambuquinho, artífice da luta contra a "escravidão" da Lei do Passe; a conversa com Sócrates a respeito das Diretas Já e do retorno da democracia ao Brasil; a entrevista de Tostão após onze anos de silêncio.

Um título instigante, às vezes entre aspas. Um texto de abertura localizando o leitor no universo e no contexto daquele personagem. Perguntas em negrito, respostas em fonte normal, no caso dos chamados pingue-pongues. Não variou muito de cinquenta anos para cá. As entrevistas e os depoimentos seguem fascinando, informando, entretendo e divertindo leitores. E ditando os caminhos da história.

* Maurício Barros foi diretor de PLACAR de 2011 a 2014

se "não" quando lhe perguntaram se você deveria ir para a Itália. Como foi para você?
Foi a manifestação da minha vontade, do que eu penso. Eu, ali, era mais um, com a vantagem de poder falar, de usar o que significo como canal de expressão. Mas o importante é que todos estávamos de acordo.

Você recebeu a coisa com sua costumeira frieza?
De jeito nenhum. Sou frio só no meu trabalho. Fiquei foi muito emocionado.

Existe alguma relação entre as eleições diretas e as necessárias reformas no futebol brasileiro?
É um caminho. É claro que tudo o que acontece de bom no país acaba tendo influência nas outras áreas. Se as diretas vierem, o país mudará e com este país mudado eu fico aqui.

Por que no comício só havia jogadores do Corinthians? O Juninho, o Ataliba, o Casagrande, o Wladimir e o Alfinete, que jogou lá?
Porque este é um processo lento. À medida que o próprio povo vai ficando mais consciente de seus direitos, o jogador de futebol também vai ser influenciado por isso e vai acompanhar o processo. Hoje, por ser o futebol estruturado em termos muito reacionários, ele tem medo de participar, de se posicionar. Talvez sejamos a categoria mais impregnada daquele conceito idiota de que a política é para os políticos e que estes não são sérios.

O Pelé posou para PLACAR com a camisa das diretas. Isso surpreendeu você?
Eu não o conheço profundamente, não sei o que ele pensa. Independentemente disso, no entanto, acho ótimo que ele tenha se engajado, porque é hora de todo mundo participar, nem que seja por conveniência.

(...)

Você não tem medo de que o Corinthians use a sua promessa no caso de a emenda das diretas ser aprovada, oferecendo menos do que você quer para uma renovação de contrato?
Afirmei que ficaria no Brasil. Fazendo o que é outra coisa.

Que coisa?
Quero ficar no meu país para participar da reconstrução dele. Se vou estar trabalhando como jogador, como gari, como pedreiro, como médico, é outra conversa.

Quando se perde um jogo, um campeonato, sempre há o próximo, a vida continua e uma vitória faz esquecer. Como você imagina o dia seguinte ao da votação da emenda caso haja a rejeição?
Acho que vamos mobilizar muito mais gente para daí a quinze dias, sei lá. Acho irreversível esse processo.

A emenda do governo prevê diretas para 1988 e alguns analistas avaliam que é possível antecipar para 1986. Você não acha isso razoável?
Mas esperar o quê? Por que não já? Se as diretas são um desejo unânime, por que não já?

E se a emenda for aprovada para já? Quem é o presidente?
Quem o povo escolher. Não interessa quem vai ser.

E se o Maluf ganhar?
Não teria nada a ver comigo. Mas, quem quer que seja, terá de governar com o povo e será legítimo.

(...)

TOSTÃO, 1984

UMA HISTÓRIA DO TIPO GRETA GARBO

O repórter Octávio Ribeiro, conhecido como "Pena Branca", já era uma lenda do jornalismo brasileiro, o craque das missões impossíveis. Foi ele quem entrevistou o cabo Anselmo, líder dos marinheiros que lutara contra o regime militar de 1964, mas que depois seria agente infiltrado, denunciando companheiros para as forças da ditadura. Ribeiro encasquetou com um personagem: Tostão, "o inventor de espaços", segundo o escritor Roberto Drummond. Desde que abandonara o futebol, em 1973, em virtude do deslocamento da retina do olho esquerdo, após ter jogado pelo Cruzeiro, pelo Vasco e pela seleção, o ex-atleta fechou-se em copas e virou um cidadão qualquer, o doutor Eduardo Gonçalves Andrade. Ribeiro e o fotógrafo Armênio Abascal tiraram o ex-jogador de seu canto doméstico, depois de onze anos. Foi o atalho para a volta a uma vida normal, sem receios, sem pressões — a caminho de Tostão se tornar o que é hoje, o melhor cronista esportivo do Brasil.

ARMENIO ABASCAL

O doutor Eduardo Gonçalves: "As pessoas inventam um punhado de coisas"

Você parou por causa do olho, mesmo? Justamente. Levei uma bolada no olho, tive de ser operado de um descolamento de retina, um problema grave, principalmente para o atleta. Fui operado nos Estados Unidos em 1969, considerado apto para voltar. Voltei na Copa e joguei sem problemas, apesar de não estar em condições físicas ideais por ter ficado uns seis meses sem jogar. Continuei jogando, mas, em 1973, voltei a ter problemas no olho, fui novamente operado. Já estava no Vasco. Depois da cirurgia, apesar de ter corrido tudo bem, fui aconselhado pelo médico a não praticar mais esporte, porque corria o risco muito grande de ter problemas mais sérios. Mesmo que eu quisesse voltar, assumindo graves riscos, eu voltaria sem as mesmas condições que tinha antes.

Aí Tostão desapareceu e entrou o doutor Eduardo. Por que sumiu o Tostão? Esta é uma oportunidade boa para a gente conversar sobre isso, porque as pessoas imaginam e inventam um punhado de coisas. Quando fiz o vestibular para medicina, fui fotografado lá no Mineirão, tinha cinegrafista me filmando, quer dizer, eu era a atração do vestibular. Quando entrei na faculdade, aquele entusiasmo todo, comecei estudando, me esforçando, e notei que a badalação continuava. Eu estava na sala de aula e entrava repórter, cinegrafista, pedindo para tirar fotografia, quer dizer, aquilo foi um transtorno para mim, para o professor, que achou aquilo estranho, os alunos, e o negócio não parava nisso. Continuava convite para ir em festa de não sei o quê. Então eu falei: "Isso aqui não está só me atrapalhando, não posso levar uma vida a sério". E medicina é um curso sério, qualquer profissão é coisa séria. E por causa disso tive de cortar

essas coisas. Tinha pessoas que não entendiam, outras ficaram com raiva de mim, e começou a surgir...

Uma onda de boatos... É, conversas, boatos, dizendo que eu tinha raiva de futebol.

Que você jogou suas taças fora... Justamente, saiu na televisão que eu tinha queimado, jogado fora meus troféus, minha taça, e que não gostava que ninguém me chamasse de Tostão, tinha de ser Eduardo. Se as pessoas me chamavam de Tostão, eu dizia "Não, você tem de me chamar de Eduardo" — e, depois que me formei, de "doutor Eduardo" *(rindo)*. E esse tipo de coisa cresceu tanto que teve o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que realmente, de uns tempos para cá, as pessoas pararam de me procurar, de me chamar para fazer reportagem, para ir a tal lugar etc., e eu tenho uma vida particular mais livre. E teve o lado ruim, que criou uma história tipo...

Greta Garbo? Greta Garbo.

Nunca mais encostou o pé numa bola? Não. Às vezes brinco com meu menino, só, em casa.

Lá nos fundos, escondido, ninguém vê. Não, não precisa ser escondido.

Como é que ficou seu olho? Ficou bem, mas com restrições. Tive problema sério, fiquei com déficit visual na vista esquerda, mas que não me atrapalha para as atividades normais. Se pudesse, jogaria uma pelada de fim de semana, mas realmente não posso. Aí tem aqueles que dizem: "Mas é brincadeira, você fica só no meio-campo dando passe", mas você sabe que, se a gente entra numa brincadeira dessas, se entusiasma, daqui a pouco está pulando de cabeça, trombando.

NILTON SANTOS, 2005

"É MELHOR UM CACHORRO AMIGO DO QUE UM AMIGO CACHORRO, NÉ?"

O lateral-esquerdo Nilton Santos (1925-2013) tinha 80 anos de idade. Vivia calado, não gostava de falar com a imprensa e recusava homenagens do Botafogo, seu clube desde sempre. Até que a repórter de PLACAR Joanna de Assis telefonou para a casa do craque bicampeão do mundo, famoso por suas diatribes. Ouviu mundos e fundos, numa pequena entrevista que entraria, fácil, em qualquer enciclopédia dos grandes momentos do jornalismo esportivo. Foi, paradoxalmente, uma simultânea e inesquecível lição de arrogância e humildade, mas sobretudo de inteligência, de um personagem impossível de driblar.

O senhor está completando 80 anos... *(Interrompendo)* Já passei um monte de aniversários e ninguém me ligou. Mas agora é 80 anos, né? Não quero homenagem alguma! O Botafogo inventou isso, mas eu não estou interessado! Não sou herói. Quem vai para a guerra é que é, não eu. Eu quero ser esquecido!

Mas... Tem gente que me conhece e acha que é meu amigo. Não é meu amigo! Quero que respeitem a minha idade! Os caras da minha época já foram... Só resta eu. Já passou! Eu como e durmo em cinco minutos porque sempre fiz o bem... Fiz o bem a muita gente! Mas não acredito em Deus, apenas tenho a minha religião. O telefone toca aqui o dia todo... Não aguento mais isso! Toca às 5 horas da manhã! Eu não tenho mais sossego! Eu nem atendo... Aliás, nem sei por que te atendi.

O senhor tem alguma mágoa do futebol? Não tenho mágoa. O futebol me salvou. Eu era filho de pescador. Mas foi uma fase. Não quero viver isso para o resto da vida. Já foi! Comprei uma casa em Araruama, onde eu atravesso a rua e estou na praia. Era isso que eu queria para mim, mas quase não tenho tempo de ficar lá. Aí, a prefeita me chamou para fazer uma campanha: "Remédios a 1 real". E eu fui. Eu e mais três ex-jogadores. Só que o pessoal falta. E eu não posso faltar. Nilton Santos não pode faltar! Eu não dou entrevista, mas não sou mal-humorado. Só que, se eu não desabafar com você, meu bem, eu infarto... Sério. Ficam me ligando e perguntando das Copas de 1950, 54... Vai pesquisar!!! Querem ganhar dinheiro em cima de mim? Não falo mesmo. E aí depois ficam me chamando de mascarado. Safados, sem-vergonha! Querem ganhar

ÁLBUM DE FAMÍLIA

"A Enciclopédia", aos 80: simultânea capacidade de ser arrogante e humilde

dinheiro comigo? Aí, eles devem falar que eu sou esclerosado... Eu vivi em um meio danado, sei muito bem como são as pessoas.

O senhor ainda acompanha o futebol? Sou desligado pra caramba, não acompanho nada. Pode até ser que seja a velhice. Mas não acompanho jogo nenhum. O que a gente vê aqui é resto! Os bons mesmo estão lá fora. Na minha época não era assim, não. Quando o Dino *(da Costa)* ia para a Itália, ele falava assim: "Garrincha, tenho chance de ir para lá *(Itália)*. Passa a bola para mim, para eu fazer gol??...". Aí, o Garrincha driblava todo mundo e passava a bola para ele. Aí, eu falava: "Não vai dar nada para o Garrincha, não??". Eu falava na brincadeira, mas era sério. Para o Garrincha nada? Ninguém dava nada mesmo para ele. Eles estão lá até hoje. Devem estar ricos.

O senhor... Eu queria mesmo era viver isolado. Mas hoje estou aqui, na Senador Vergueiro, na praia do Flamengo. Mas a culpa é minha. Eu que quis ajudar o governo. É um bem que eu faço pela velhice. Negar faria de mim um bandido. Mas eu quero ficar isolado. Minha vida foi muito agitada: seleção, Botafogo, viagens... Minha mulher sabe disso. Hoje eu acordo cedo e vou para a praia. Eu e o Podi, um vira-lata que vive comigo *(foi um cachorro atropelado que a mulher encontrou na rua)*. Ele é esperto, viu? Precisa ver... Afinal, é melhor um cachorro amigo do que um amigo cachorro, né? Porque eu já tive muitos amigos cachorros. Pô, tô sozinho. Não tem mais ninguém da minha época. Aí, ficam te perguntando: "Lembra de 1948??". Porra, se eu não me lembro, sou mascarado... É uma bosta isso!

Quais as funções que o senhor recebeu agora no Botafogo? No Botafogo, eu não queria aquela incumbência de ter de ir lá. Mas aceitei. Vou de vez em quando, para falar com os atletas. Mas está cheio de gente enciumada... Fui na vitória do Botafogo diante do Vasco, parecia que eu havia jogado! "Ah, Nílton, você é pé-quente!?". Sim, sou pé-quente mesmo, nunca perdi uma decisão! Tenho 26 títulos... Mas eu vim aqui para torcer, aí vem a pessoa e fala: "Gostou de ganhar??". Dããããã! Não... odiei, achei uma merda. Eu gosto é de perder *(irônico)*. Dá licença, né? Cada perguntinha...

Mas... Pô, eu vou para a praia, chegam e me falam: "Olha, estou te conhecendo de algum lugar...". Ah, fica quieto, né? Se as pessoas soubessem que o que eu quero é sossego... Eu quero tranquilidade! Quero ser esquecido! Tanta gente que quer aparecer... Por que eu? Aí ficam me falando... "Ah, esse aqui jogou com o Pelé...". Não, senhor! Pelé é que jogou comigo; eu já estava lá quando ele chegou! Ficam me chamando de Enciclopédia do Futebol. Que Enciclopédia, o quê! Desculpe-me por estar desabafando com você, mas isso está me fazendo um bem enorme... Se eu não falar, eu infarto, sério! Pô... Chegam para um menino de 10 anos e me apontam: "Sabe quem é ele, Zezinho??". E eu fico ali... Feito um boneco, olhando para os dois. Pô, não sou retardado! É claro que o moleque não sabe!!! Olha, me desculpe de novo, mas eu precisava falar. Agora vou parar porque isso já está me cansando... Tchau!

EXCLUSIVO

"VIDA LONGA PARA NÓS"

Pelé

PELÉ REVELA COMO SUA TRAJETÓRIA, DESDE O TRI DO MÉXICO, EM 1970, ATÉ A DESPEDIDA, EM 1977, E AINDA HOJE, SE CONFUNDE COM AS PÁGINAS DE PLACAR

"É uma enorme alegria relembrar a bela história de PLACAR, que de certa forma se confunde com a minha. A revista nasceu em 1970, ano de minha máxima consagração, o tricampeonato no México. Tive a honra de estampar a capa da edição número 1, que, ainda por cima, vinha com uma moeda de minha efígie de brinde. Só tenho boas lembranças das dezenas, talvez centenas, de reportagens e ensaios que produzimos ao longo dessas cinco décadas. Tenho a impressão — sei que irreal — de que PLACAR jamais falou mal de mim, nem eu dela.

As lentes de PLACAR captaram algumas de minhas imagens mais conhecidas, como aquela foto que registrou um coração de suor que se formou em meu peito, num amistoso entre a seleção brasileira e o Flamengo, em 1976 *(veja na pág. 57)*. Muita gente acha que aquilo foi um truque, mas não. Nem eu sei como aquela mancha se formou, foi um momento de rara felicidade do fotógrafo Luiz Paulo Machado, um gol de Pelé. Outro registro histórico foi feito por Lemyr Martins, o soco no ar na Copa de 1970. Essa comemoração nasceu bem antes, como um gesto de desabafo, e a partir daquele momento passou a ser copiada no mundo todo, depois de ter se eternizado nas páginas da revista.

Brinco sempre: fui acompanhado por um fotógrafo desde meu nascimento, em Três Corações (MG), e esse implacável 'marcador' estava a serviço da PLACAR. Foi o único veículo brasileiro a cobrir meu jogo número 1000, em Paramaribo, no Suriname, um amistoso entre o Santos e a equipe local, o Transvaal. Lembro que, no fim do jogo, ganhei da revista uma camisa comemorativa que meus adversários imploraram para levar como presente, mas eu mesmo fiz questão de guardá-la de recordação. Foi também a pedido de PLACAR que vesti diversos uniformes em 1971, até de outras seleções e de adversários do Peixe.

Criatividade e emoção sempre foram marcas comuns entre nós. Em 1982, PLACAR promoveu um reencontro entre mim e meu velho parceiro Garrincha. Entre uma música e outra — eu me arrisquei no violão e ele, no cavaquinho —, lembramos de quando formamos uma dupla imbatível na seleção. Infelizmente, no ano seguinte, Mané se foi. Naquela mesma época, usei um uniforme com uma mensagem pelas 'Diretas Já' e revelei minhas aventuras no cinema. Mesmo longe da bola, sempre estive próximo de PLACAR.

Minha última grande aparição foi na edição de quarenta anos, ao lado de Neymar. Ele ainda jogava no Santos, tinha acabado de completar 18 anos. Nos divertimos bastante, e me lembro como se fosse hoje: ele era meio 'mascaradinho' com os outros, mas sempre me respeitou — e eu a ele, claro. Eu sempre lhe disse: 'Muda essa cabecinha, moleque, para de arrumar confusão, você joga para c...'.

Guardo com carinho as edições especiais, como as de minhas despedidas da seleção brasileira e do Santos, e um livro de imagens chamado *Pelé, o Atleta do Século*, publicado em 2000. Perto de completar 80 anos, sinto enorme satisfação em ver que tanto eu como a PLACAR seguimos firmes na defesa do amor pelo futebol. Vida longa para nós."

Depoimento dado a Alexandre Senechal e Luiz Felipe Castro

1970

O soco no ar, pelas lentes do fotógrafo Lemyr Martins: comemoração copiada

LEMYR MARTINS

SERGIO MORAES

1984
O Rei, já aposentado, continuou a fazer a barba no salão do Didi, em Santos, que começou a frequentar ainda adolescente

1971
Houve o milésimo gol, em 1969, e a milésima partida: camisa exclusiva oferecida por PLACAR

MUITO ALÉM DOS GOLS

SEM JAMAIS SE ESQUECER DA EMOÇÃO E DA FESTA DO FUTEBOL, A REVISTA SEMPRE BUSCOU REVELAR OS BASTIDORES — DIREITO SAGRADO DOS LEITORES

Juca Kfouri*

Comecei minha vida profissional em 1970 para atender a PLACAR no Dedoc, o Departamento de Documentação da Editora Abril. Em 1974 assumi a chefia de reportagem da revista, e em 1979 a direção da então semanal, periodicidade que manteve até 1990. Saí da Abril em 1995, depois de relançá-la em grande estilo já como mensal, e costumava dizer que tinha cinco filhos: André, Daniel, Camila, Felipe e... PLACAR. Demorei 25 anos para aprender que em bola dividida ganha sempre o mais forte. Uma divergência editorial forçou minha saída.

A editora entrou de sola no mundo da televisão, e Roberto Civita, então dono da empresa, determinou, mal aconselhado pelo filho Gianca, que os cartolas, dos quais dependia para fazer contratos de exclusividade da transmissão de campeonatos, não seriam mais criticados pela revista. Ora, a marca registrada de PLACAR era justamente — sem se esquecer jamais da emoção e da festa do futebol — revelar também seus bastidores, direito sagrado dos leitores.

E SE DEUS FOSSE ALVINEGRO?

O DIA EM QUE O CARDEAL ARCEBISPO DE SÃO PAULO MANIFESTOU SUA PAIXÃO QUASE RELIGIOSA PELO CORINTHIANS

Em 1973, o Corinthians estava na fila havia dezenove anos. Quem sabe uma ajuda superior fosse providencial? Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, que acabara de ingressar no Colégio de Cardeais do Vaticano, revelou para PLACAR ser corintiano de quatro costados. Disse admirar os campeões paulistas de 1954, os últimos heróis alvinegros, e posou para a fotografia com bandeira e flâmula. Na capa, PLACAR avisou: "Corinthians mais perto de Deus". O título, depois de longa seca, viria em 1977.

— Deus ama a alegria. Foi por isso que pôs à nossa disposição todo este mundo, inclusive o Corinthians.

Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, o pastor do maior rebanho católico do mundo, o mais novo membro do Colégio de Cardeais do Vaticano, preferiu essa forma amena e delicada para responder à pergunta "Deus é corintiano?".

Primeiro Dom Evaristo queria responder a uma pergunta de PLACAR, por escrito. Mas acabou respondendo a oito. E, além da parte escrita da revista — em que mostrava não haver nenhuma incompatibilidade entre a fé e a paixão do torcedor —, o cardeal conversou com PLACAR durante dezoito minutos, na sala de despachos de seu palácio episcopal, um amplo casarão cercado de jardins, na Rua Pio XII, bairro do Paraíso, em São Paulo. Durante esse tempo, deixou-se fotografar com algumas relíquias corintianas: uma bandeira, uma flâmula, uma fita e uma fotografia 30 por 40 centímetros do time campeão de 1954, na qual identificou alguns de seus jogadores preferidos — Gilmar, Cláudio, Luisinho, Baltazar e Simão.

— O senhor acredita que em 1973, após dezenove sofridos anos, o povo corintiano conseguirá, enfim, a alegria de comemorar um campeonato?

— Sou dos que acreditam a cada ano na alegria do povo. Mas os palpites, sós, não resolvem. Direção segura e calma, confiança nos jogadores (que são bons) e um pouco de psicologia... é que resolvem.

Há vinte dias, quando o Vaticano anunciou oficialmente sua nomeação — esperada desde o ano passado —, os repórteres que foram ouvi-lo surpreenderam-se com uma observação.

— Agora, minha batina será vermelha, mas meu coração continuará alvinegro.

Que tal um depoimento do novo cardeal sobre o Corinthians? Era uma boa ideia, mas sua execução parecia inviável. Na quarta-feira da semana passada, fomos procurá-lo no Seminário Alfonsianum, às margens do quilômetro 20 da Rodovia Raposo Tavares, onde participava da Assembleia-Geral dos Bispos do Brasil.

MANDEL MOTTA

1974

Em 2 de outubro, a primeira despedida, contra a Ponte Preta: braços abertos na Vila Belmiro

LEMIR MARTINS

ACERVO/PLACAR

1977

"Love, love, love": as três únicas palavras de agradecimento em inglês aos torcedores do Cosmos, em seu definitivo adeus aos gramados

LEMYR MARTINS

Algum palpite de torcedor dedicado e fiel? "Não. Só dou conselhos em questões do Evangelho e vida da Igreja"

Assim, em 1982 denunciamos a existência de grupos que manipulavam os resultados dos jogos da Loteria Esportiva, a chamada "Máfia da Loteria", formada por mais de uma centena de personagens entre atletas, técnicos, árbitros, dirigentes, políticos e aproveitadores. Por ter certeza de que o futebol jamais se limitou às quatro linhas, revelamos o sórdido mundo das federações estaduais, as jogadas criminosas da CBF, as caneladas de empresários nada éticos, e engajamos PLACAR na campanha pelas Diretas Já!, com Pelé na capa vestindo a camisa do movimento que encantou o país *(veja na seleção de capas, na pág. 48).*

Acompanhamos a exuberante carreira de Zico do começo ao fim; fizemos do Doutor Sócrates imperador do Brasil, governador de São Paulo, Pensador de Rodin, e até convencemos o Animal Edmundo a posar abraçado com um ursinho de pelúcia. Em PLACAR, o imortal dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo-emérito de São Paulo, escreveu a Pastoral ao Povo Corintiano, na qual ensinou que "não existem derrotas definitivas para o povo" em plena ditadura. E ouvimos Tancredo Neves cunhar uma frase que o definia à perfeição: "Torço pelo América Mineiro, embora goste muito de Atlético e Cruzeiro, assim como dos demais clubes do interior".

Comecei a trabalhar para PLACAR aos 20 anos de idade e parei aos 45, portanto com mais tempo nela que de vida ao começar. Comemoramos, em março de 2020, 50 anos ela, 70 eu, além dos mesmos cinquenta de profissão. Impossível olhar para trás sem me comover ao lembrar de tudo que passamos juntos, dos formidáveis camaradas em tantas jornadas, dos que ficaram pelo caminho e dos que estão aí ainda firmes e fortes. Interessa aqui frisar o papel que PLACAR desempenhou para oxigenar o jornalismo esportivo brasileiro, sem citar nomes para não cometer esquecimentos, mas todos dignos de ganhar a Bola de Prata.

---

*Juca Kfouri foi diretor de redação de PLACAR de 1979 a 1995

— Você querem falar com o senhor cardeal? — perguntou um seminarista, na recepção.

Ante a confirmação, estendeu um pedacinho de papel.

— Escreva o nome aqui. Talvez ele possa atendê-los.

Enquanto o aguardávamos numa salinha — sem ao menos ter certeza de que nos receberia —, pensávamos numa maneira de fazê-lo falar sobre o Corinthians. Não seria fácil, claro, mas de qualquer maneira valeria a pena tentar.

— No seu entender, toda essa longa provação de títulos terá, finalmente, algumas compensações terrenas?

— Na hora de deslanchar, toda essa longa provação acaba por render. E então — assim espero — ninguém mais segura o Corinthians.

Dez minutos depois, muito antes do que se esperava, ele apareceu na sala. Estava sorrindo e usava um *clergyman*, como qualquer padre.

— Ah, são vocês que querem falar comigo? O que desejam, meus filhos?

Cuidadosamente, como a ocasião exigia, dissemos que PLACAR tivera a ousadia de tentar uma matéria em que ele, o cardeal, falaria sobre o Corinthians. O cardeal, sempre sorrindo, interrompeu a introdução.

— Ih, perdemos outra vez.

Na véspera, o Bahia vencera o Corinthians por 1 a 0. Sua intervenção fora encorajadora. Então, explicamos tudo.

— Vamos fazer o seguinte, vocês redigem uma pergunta, deixam na recepção e depois eu entrego a resposta. Quem sabe na sexta-feira, ao meio-dia, está bom?

Respondemos que sim e agradecemos.

— Não tem nada, não. Tudo o que eu puder fazer pelo Corinthians, eu faço.

ACERVO PLACAR

— O senhor, como cardeal-arcebispo de São Paulo, certamente se sente na obrigação de ajudar o povo de sua arquidiocese. Uma vez que esse povo, em sua maioria, é como o senhor — corintiano —, que auxílio poderia dar ao time para que ganhe um título ou, ao menos, diminua o sofrimento da massa?

— Sempre torci pelo Corinthians por causa do povo humilde e bom de nossa cidade. O que cada qual pode e deve fazer é cuidar que a desunião e as intri-

Menos de quinze minutos depois, o cardeal entrou na sala, novamente com o *clergyman* preto — e o colarinho branco à mostra deixava-o com as cores do Corinthians.

— Vamos ver. O que vocês trouxeram para mim?

Entregamos uma ampliação de 30 por 40 centímetros do time do Corinthians campeão de 1954. A imagem dos derradeiros heróis da torcida pareceu encher-lhe de alegria.

— Olha aqui o Gilmar — era quase com emoção que ele reconhecia o goleiro.

— Eventualmente, o senhor acompanha jogos do Corinthians? Vai aos estádios? Ouve as transmissões das partidas pelo rádio e televisão? Sofre com suas derrotas e vibra com suas vitórias?

— Tenho pouco tempo para acompanhar os jogos. Escuto, quando posso, uma parte pelo rádio. Na TV, à noitinha, além do noticiário, os videotapes ou a transmissão direta do futebol são as poucas distrações que tenho. Vibro mesmo quando assisto sozinho. Sofro e me incomodo com as derrotas do Corinthians.

A velha fotografia enleva dom Paulo Evaristo, que começa a identificar alguns jogadores.

— Este aqui está fazendo falta — e aponta para Gilmar.

Mas logo se corrige:

— É, mas o Ado é bom goleiro.

— Este aqui também faz falta *(Roberto, médio-volante).*

— E este, então? *(Baltazar, centroavante).*

Arriscamos uma pergunta:

— O senhor não gosta do Mirandinha?

Ele, porém, não responde.

— O senhor teria algum conselho a dar aos seus jogadores, técnico, supervisores e diretores?

— Não. Só dou conselhos em questões de evangelho e vida da Igreja. Contam-me, aliás, que não é por falta de conselho que o Corinthians perde; antes, por falta de calma e perseverança.

Entregamos ao cardeal uma fitinha e uma flâmula do Corinthians. Concorda em também posar ao lado delas.

— Você sabe de uma coisa? Depois do Corinthians, gosto do Santos. E, depois, da Portuguesa.

— *Quer dizer que Palmeiras e São Paulo não têm vez com o senhor?*

— Esses não. Mas outro dia encontrei com o Laudo Natel, que me pediu para guardar uma bençãozinha especial para o São Paulo.

— *E o senhor guardou?*

— Guardei.

— *Que mensagem o senhor gostaria de transmitir à imensa e sofrida torcida do Corinthians?*

— Diria a todos os corintianos que façam do esporte uma distração e um motivo de unir o povo. No mais, o que resolve em nossa vida é a amizade e paz no lar, a justiça por toda parte e um grande amor a São Paulo e ao Brasil.

No Rio, o cardeal é Flamengo.

— *E no Rio Grande do Sul?*

— Não torço por ninguém.

— *E em Minas Gerais?*

— Acompanho o Atlético e o Cruzeiro, mas sem preferências.

— *E no Paraná?*

Dom Paulo Evaristo é catarinense. Durante muito tempo, estudou e morou no Paraná, onde ainda está quase toda sua família.

— No Paraná, sou atleticano. De vez em quando, dá briga com meus sobrinhos, que torcem para o Coritiba.

Agora, ele ameaça se despedir. Felizmente, resta um último presente: uma bandeira do Corinthians, que o enche de satisfação. E nos dá mais alguns minutos, para as últimas fotos e para as perguntas finais.

— Gosto muito dessas coisas. Na parede do meu quarto, na casa da minha mãe, em Curitiba, ela pregou um quadrinho: "Aqui vive um corintiano feliz". E aqui eu tenho um outro parecido, mostrando um sofredor carregando a cruz.

O cardeal posa ao lado da bandeira e sorri, como um torcedor feliz.

— Finalmente — e pedindo perdão pela ousadia da pergunta —, Deus é corintiano?

— Deus ama a alegria. Foi por isso que pôs à nossa disposição todo este mundo, inclusive o Corinthians. Mas toda alegria deve levar-nos a encontros sempre mais profundos com os irmãos.

Carlos Maranhão

Em outubro de 1977, dias antes do título de campeão paulista — o primeiro em 23 anos — dom Paulo escreveria para PLACAR a Pastoral ao Povo Corintiano. Alguns trechos:

"Corinthians, para nós, é o símbolo da esperança. (...) O Corinthians é mesmo o símbolo do povo que não chega lá. Do povo que sofre todas as decepções, desde as mais legítimas, como também as de seus sonhos. Mas é um povo que aguenta. Que é humilde. Povo que se abate, mas que, ao mesmo tempo, sabe que precisa recomeçar. E recomeça mesmo! Está presente em todas as próximas lutas. Recomeça. (...) É isto o espelho do povo? Ou a sua realidade mesma? Ou, ainda, alienação desta realidade, para refugiar-se em alguma coisa que se passa no campo, mas que tem interferências incalculadas? Minha pergunta mais séria é esta: quando é que o Corinthians vai vencer mesmo? (...)

A impressão que tenho é que o Corinthians vai vencer no dia em que todos os filhos do povinho, do nosso querido povo, tiverem campos de esporte para boas 'peladas'. Então, não precisarão mais falar dos outros craques, mas falarão entre si, na agilidade das pernas, na malícia dos passes e também na camaradagem, tão importante para as crianças".

Os campeões paulistas de 1954 perfilados: "Olha aqui o Gilmar", disse Arns, ao ver a imagem do goleiro

gas não destruam o trabalho necessário e benfeito.

O cardeal saiu; numa máquina emprestada, escrevemos as oito perguntas — em vez de uma, como ele autorizara — e as entregamos ao seminarista que nos atendera.

Na sexta-feira, ao meio-dia, o fotógrafo Lemyr Martins e eu fomos ao palácio. Uma senhora que trabalhava lá havia dois anos nos levou até a sala de despachos.

— Dom Evaristo é corintiano mesmo?

— Não queira nem saber — respondeu.

Logo depois, para nossa decepção, éramos atendidos por uma freira simpática, que trouxe um envelope com as respostas do cardeal. Pelo jeito, ele não nos receberia — e não poderíamos fazer as fotos que pretendíamos.

— Há quantos anos o senhor torce pelo Corinthians?

— Comecei em 1953/56; depois mudei para o Rio e torci — como ainda torço — pelo Flamengo. O Corinthians ficou um pouco mais distante. Quando voltei definitivamente a São Paulo, o ex-presidente do Corinthians, o saudoso Alfredo Inácio Trindade, me trouxe em seu carro para a minha posse. Pelo visto, era corintiano, mas da oposição...

Dissemos à freira, com muito jeito, que precisávamos falar com o cardeal.

— Trouxemos alguns presentes para ele — explicamos.

Ela nos deu algumas esperanças:

— Vocês não se incomodam de esperar?

Não, não nos incomodávamos.

O NASCIMENTO DE UM CRAQUE

OS PRIMEIROS GRANDES SUCESSOS DE ZICO NOS ANOS 1970 — UM DOS GIGANTES DO FUTEBOL DE TODOS OS TEMPOS — E O ESPANTO DA TORCIDA

ACERVO PLACAR

O recordista: cinco vezes Bola de Prata de PLACAR

Em 1975, aos 22 anos, franzino, Zico já ostentava algumas marcas indeléveis: maior artilheiro do Flamengo numa temporada; maior artilheiro de um campeonato na era do Maracanã. Não demorou para virar o rei do Rio entre os torcedores rubro-negros — mas também entre os admiradores de outras torcidas. Era a gênese de um dos mais completos atacantes da história do futebol. A reportagem a seguir foi uma das primeiras com o Galinho de Quintino — e a boa ideia foi ter entendido sua habilidade por meio dos adversários que não conseguiam pará-lo.

Gooooooooool!

O grito explode em milhares de gargantas até então sufocadas pela paixão, varre cada canto do Maracanã e vai morrer a quilômetros de distância, na Tijuca, na Praça da Bandeira, em São Cristóvão. Um grito de guerra, de festa, de religião. Grito que marca o momento máximo do futebol e que antecipa instantes de glória para Zico — que corre até o parapeito do fosso do Maracanã a fim de festejar junto aos humildes torcedores da geral.

Uma festa pagã, feita de suor, de não ensaiados passos de dança, de palavrões para o adversário vencido por mais um chute do menino Zico — o novo rei do Rio, posto conquistado à custa de cicatrizes na canela, de cotoveladas nas costelas, de trombadas. Posto não vitalício, só mantido com gols, muitos gols. Democrático por excelência, o futebol é um reinado em que o rei é súdito de seus admiradores — que podem depô-lo a qualquer momento, com ou sem razão.

O novo rei do Rio tem apenas 22 anos e cara de garoto. Mas nem um pouco deslumbrado com a felicidade que desabou sobre sua ca-

beça de um momento para outro. Ele se preparou duramente para conquistá-la. Em 1968, quando foi levado à escolinha do Flamengo, só o deixaram treinar em consideração ao radialista Celso Garcia. Também, não era para menos: aos 15 anos, ele não pesava mais que 37 quilos. Tinha boas credenciais de família: era irmão de Edu, hoje no Vasco, e de Antunes, que foi campeão pelo Fluminense — e acabou abandonando o futebol desiludido com os cartolas.

Foi um ótimo negócio para o Flamengo a oportunidade que deram a Zico: ele mostrou que sabia jogar. Mas, dois anos depois, ainda subsistia o problema: cadê corpo? Tanto assim que Modesto Bria, técnico das categorias inferiores, continuava a chamar Zico pelo apelido que lhe pusera nos primeiros dias: Neném. Bom também que o Flamengo resolvesse investir no homem Zico — o jogador, todos sabiam, era bola fina. E Zico foi submetido a um senhor programa alimentício e a meses de ginástica dura. Ele precisava crescer, pegar corpo.

Cresceu tanto que hoje é o maior ídolo da torcida rubro-negra e, com apenas ano e meio de titular, recordista de gols numa só temporada — feito que alcançou o ano passado ao marcar 49 vezes — dentro do Flamengo e o jogador que mais gols marcou em um único Campeonato Carioca desde que o Maracanã foi inaugurado.

Não foi fácil chegar a isso. Primeiro, teve de enfrentar um tempo de quebra-galho, quando Zagallo achava seu futebol muito bom para qualquer posição — do meio-campo para a frente jogou em todas —, menos para ser titular. A oportunidade de Zico chegou quando Zagallo assumiu a direção da seleção que iria disputar a Copa. Joubert, que conhecia Zico muito bem, quis saber uma coisa: tinha carta branca? Tinha. Então resolveu efetivar Zico.

ANTONIO A. FONTES

Criança, no chão batido de Quintino, Zona Norte do Rio: uma única obsessão

Tiro e queda. Um achado. O garoto explodiu no Brasileiro ao mostrar um futebol da mais alta categoria. E, melhor, desandou a fazer gols. E assim continuou no Campeonato Carioca. A galera do Flamengo não perdeu tempo: Zico era o novo rei. Nem tanto. Só o tempo prova um artilheiro. E Zico não podia ser rei num time que tinha Doval, idolatrado por gregos e troianos.

Agora, finalmente artilheiro do Campeonato Carioca, já ninguém discute: o maior atacante do Rio chama-se Zico.

— Ele é realmente um dos poucos atacantes do futebol carioca. Joga atrás e na frente. A melhor prova do que digo: o número de gols que marcou até agora.

Elogios de um companheiro de clube? Não, de Alex, zagueirão do América, acostumado a se virar diante das diabruras de que Zico é capaz de fazer com a bola. Um cara que conhece bem como a parada é indigesta, tanto assim que só vê uma maneira de parar Zico: combatê-lo no meio-campo, bem longe da área.

O dado subjetivo na afirmação de Alex: tomar a bola de Zico só com falta. E bola chutada por ele de perto da área é meio gol.

— Minha única preocupação é vê-lo. A gente nunca sabe de que lado ele vai chutar. Por isso, o importante é ver onde ele está. Não adianta arriscar um lado. Também não adianta muito orientar a barreira, pois o garoto bate muito bem. Treina todos os dias e está perto da perfeição. Suas faltas são praticamente indefensáveis.

Andrada sabe das coisas. Afinal, em mais de uma ocasião ele já foi buscar a bola no fundo das redes após Zico cobrar uma falta. Mas não é só ele. O experiente Félix também já foi vencido numa falta.

— Quando o Zico correu, eu estava orientando a barreira. Não tinha jeito de defender a bola. Só engoli um. Agora, não é por isso que vou desmerecer o Zico. Ele sabe muito de futebol. Cobrando penalidades, dentro ou fora da área, é um mestre. Em chutes colocados, é um dos melhores do Brasil.

É mesmo. E não por acaso. Em dia de treino, não há escapatória: Zico cobra de vinte a trinta faltas, cada vez mais preocupado em aperfeiçoar sua técnica. E nesse detalhe há um dado que explica boa parcela do sucesso de Zico: a humildade. Ao contrário da maioria de nossos jogadores, que já nascem sabendo tudo, Zico procura aprender.

É mesmo, talvez, caso único no Brasil: um temível artilheiro que reconhece precisar de treinamento para a cada dia chutar melhor.

E paga um preço por sua aplicação: não falta quem afirme só fazer muitos gols porque aproveita as faltas e os pênaltis que cobra. É culpado de eficiência. Neném Prancha afirmou que "pênalti é uma coisa tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube". Zico não vê a coisa assim.

Pedrinho, do Bonsucesso, foi um dos poucos a defender um pênalti de Zico. Ele se lembra que partiu confiante para a bola e, quando viu, Pedrinho estava no chão, abraçado pelos companheiros.

— Não quero tirar o mérito do goleiro. Mas, se eu tivesse cobrado com mais humildade, acho que o gol sairia. Pênalti é difícil de perder, pois o gol é muito grande. Você calcula a velocidade da bola e o tempo que o goleiro tem para alcançá-la e entende por que é praticamente impossível defender.

Um juízo perfeito e também o reconhecimento de um erro: falta de humildade em relação a Pedrinho. E uma lição aprendida.

— Foi uma loucura. Pulei para a esquerda, porque, quando ele correu, deu uma caidinha para o lado, fazendo-me pensar que ia chutar no canto esquerdo. Quando comecei a cair, vi a bola correr para o outro lado. Foi uma loucura. O cara é realmente endiabrado. Em casa, vi o videoteipe do lance, analisei seriamente o assunto e concluí que não tinha mesmo jeito. O negócio é pular para um canto e torcer para que o Zico chute nele. Pênalti batido por ele, só assim.

Nesse pênalti, a vítima de Zico foi um velho companheiro de Flamengo: Ubirajara, hoje no Botafogo. A cobrança aconteceu no último jogo entre os dois times.

Até chegar a ponto de afirmar que pênalti não é coisa que se perca — e ele sabe exatamente os que perdeu — Zico treinou muito.

— Tinha gente que estranhava eu continuar em campo depois que todos já haviam ido para o vestiário. Mas eu ficava lá, incentivado pelo Joubert e pela paciência dos goleiros, treinando falta e pênalti.

Com 1,72 metro de altura e 66 quilos — de músculos bem distribuídos —, Zico anda longe de ser um tanque. Alguns jogadores de defesa dizem mesmo que ele é de pipocar quando a barra pesa. Zico sabe disso e afirma que não foge do pau.

— Sei, ao dominar a bola, quando o adversário vai entrar para bater ou não. Então me previno. Agora, se chamam a isso de pipocar, não entendo mais nada.

Pipocas, para Zico, são os jogadores de defesa.

— Basta reparar na cobrança de faltas. Normalmente, bato colocado, e tem gente na barreira que até pula tentando cabecear a bola. Mas às vezes bato com força. E, aí, os malandros viram as costas ou põem a mão na frente para se proteger. Isso é que é pipocar. Vê se tem alguém calmo na barreira numa cobrança de falta do Rivellino. Duvido.

Pipoca? Não pipoca? Parece impossível que um jogador, visado por todos os adversários, continue marcando gols partida após partida. Talvez, pela habilidade que tem, Zico deixe muito zagueiro frustrado, daqueles que vão na jogada para parar bola e adversário: eles param Zico, mas a bola anda longe, nos pés de um companheiro. Zico não tentaria passar debaixo de pau. O que prova apenas uma coisa: ele não dá pontapé em trave. E não tem nada de covarde.

(...)

Tudo isso sem deixar de ser o menino Zico — ou talvez tenha chegado a tanto exatamente por continuar um menino. Encantado com o Maracanã vestido de vermelho e negro. Com os gritos de guerra do seu — ele, sim, desde pequenininho, rubro-negro, como exigiu o pai — Flamengo. Disposto a tudo para ouvir o grito que é a sua marca registrada.

Gooooooooooooooooool!

Luiz Augusto Chabassus

RODOLPHO MACHADO

A tristeza final da "alegria do povo": "Eu vivo feliz, no íntimo. Dinheiro? Ah, dá para comprar minhas bermudas"

FERNANDO PIMENTEL

"NÃO FUI O CULPADO DA DERROTA"

UM ENCONTRO COM OBDULIO VARELA, O URUGUAIO QUE CARREGOU NOS OMBROS A RESPONSABILIDADE DE TER FEITO O BRASIL CHORAR EM 1950

Numa quadra de bocha em Montevidéu: "Andei um ano de um lado para outro, à procura de emprego"

FERNANDO PIMENTEL

"NÃO FUI O CULPADO DA DERROTA"

UM ENCONTRO COM OBDULIO VARELA, O URUGUAIO QUE CARREGOU NOS OMBROS A RESPONSABILIDADE DE TER FEITO O BRASIL CHORAR EM 1950

Numa quadra de bocha em Montevidéu: "Andei um ano de um lado para outro, à procura de emprego"

Obdulio Varela (1917-1996), o carrasco gentil da Copa de 1950, o líder da seleção do Uruguai que fez o Maracanã e o país chorar na vitória improvável por 2 a 1, sempre evitou a imprensa — especialmente a brasileira. Até que cedeu à persistência do repórter José Maria de Aquino e do fotógrafo Fernando Pimentel, que foram achá-lo, em 1972, em um clube de bocha de Montevidéu. El Negro Jefe tinha 54 anos.

Silêncio. Dez horas da noite. Frio. Quatro homens fora. Quatro homens dentro da quadra de bocha. Jogam. Entre eles Jacinto, "El Negro". Caudilho, com "C" maiúsculo, de coragem, de calor humano, de calibre. Sociólogo, filósofo, observador profundo, estudioso, instintivo, tudo sem forçar, sem saber, sem estudo. Vivo, cruel, duro, humano, introvertido, alegre, singular. Capaz dos mais saborosos diálogos, ou de se impor um silêncio profundo.

É bom ficar olhando aquele homem jogando bocha na quadra do Clube Juan Jackson, em Montevidéu, no meio de um bosque. Ali ele vai todas as noites. Fala de bocha sem querer falar do futebol que soube jogar para merecer todos aqueles adjetivos, todas aquelas indagações, muitas vezes repetidas.

Dá medo, provoca arrepios, é difícil descer as escadas, chegar perto, enfrentar sua fúria. Anjo ou demônio?

— Não tenho nada para falar. O que você quer saber? Quer beber alguma coisa? Posso terminar a partida? Deixe-me olhar para vocês e resolver. Gostei. Vamos sentar. Dez minutos.

Ninguém fala, ele percebe e vai contando. Respiram fundo, muitos olhos arregalados, presos ao seu rosto pouco iluminado por uma luz fraca. No rosto, as expressões do que vai sentindo. Da testa franzida, carrancuda, ao sorriso largo, ao assobio. Quando assobia os amigos sabem que está contente. Uma cerveja, os copos, a sala pequena, alguns troféus, as fotos na parede mostrando que todos os anos, há muito anos, ele e outros se reúnem ali para comemorar, sem comentar o dia em que ele foi anjo e demônio: 16 de julho de 1950.

O velho Atilio García, o maior atacante que o futebol uruguaio já viu, Humberto Gimenez, Leon V. Slazinskas, Manuel A. Gonzalez, Luís A. Ramos, Pablo Domínguez, Augusto Dominguez, Elbio Gonzalez, Ignacio Slazinskas, Manuel Carreira, pequena plateia ouvindo histórias que alguns nunca ouviram.

Nem anjo nem demônio, homem. Muita coisa ficou por conta da fantasia criada aqui e lá. O futebol era outro com outra inspiração. Didi quis fazer do River Plate um time de jogo bonito, e não percebeu que o bonito não ganha jogo. Para ganhar é preciso luta, garra. É preciso se ter dentro de campo onze homens. É preciso jogar para ganhar e querer ganhar.

— O grito bem dado é um jogador a mais dentro do campo. O Ademir Menezes era bom jogador e gritava dentro de campo. O Danilo era bom jogador, mas não se impunha. Por essa diferença, eu hoje digo que o Ademir foi um dos melhores jogadores que vocês já tiveram. O maior foi Domingos, completo. Campeão lá, aqui e na Argentina.

—Fui visto como o culpado pela derrota do Brasil e como o ganhador da Copa para o Uruguai. Não foi nada disso. Gritei o tempo todo porque sei que quem quiser ganhar tem de gritar. Segurei a bola depois do gol do Friaça, alegando impedimento, chamei o juiz, o bandeirinha, pedi intérprete, fiz tudo isso só para acalmar aquela gritaria. Eu sabia que provocando o medo de verem o gol anulado aquilo se transformaria num túmulo. Tentei e deu certo. Não fui o culpado da derrota. Nem ganhei a Copa sozinho.

— Quando terminou tudo aquilo, lembrei que precisava comprar uns presentinhos para a família, mulher e dois filhos. Não tinha dinheiro, pedi 2 500 pesos de adiantamento, pensando que nos dariam pelo menos uns 10 000, pouco para quem tinha proporcionado tanta satisfação a uma nação. Com muito custo consegui o dinheiro. Andei um ano de um lado para outro, à procura do emprego prometido. Queriam humilhar-me.

Não vai ver futebol, acha que o de hoje não presta. Falta raça. Tentou ser técnico, mas não conseguiu admitir interferência de diretores. Com 54 anos, aposentado, morando longe, vendo os filhos casados, longe do futebol. Guardando pequenas mágoas que seu temperamento de caudilho não deixa esconder, Obdulio Jacinto Varela (para os amigos apenas Jacinto, El Negro), muitos sonhos não concretizados, picardia, capaz de primeiro dar para depois exigir, nascido para capataz, baixa ainda mais a voz e para de falar, atendendo aos amigos.

— Não vale a pena falar de tanta coisa errada.

Sorri, abre os braços como querendo agasalhar aqueles amigos de muitas noites, junta os lábios e volta a assobiar. Ele está assobiando, isso é bom. Duas horas da madrugada. Ninguém sente frio, caminhamos levando nos olhos sua imagem e nos ouvidos a melodia de suas canções.

José Maria de Aquino

A MÁFIA DA LOTERIA ESPORTIVA

O ESQUEMA DE COMPRA DE JOGOS ERA CONTADO À BOCA PEQUENA, COM CINISMO — FALTAVAM UM DELATOR E AS PROVAS DA CONTRAFAÇÃO

Em 1982, depois de um ano de apuração, o repórter Sérgio Martins pôs em pé a ruidosa denúncia de um esquema de compra de resultados em partidas da Loteria Esportiva. Logo antes da publicação da reportagem, o radialista Flávio Moreira, a principal fonte do chamado furo jornalístico, foi à Polícia Federal para confirmar a veracidade das informações. A repercussão da notícia foi estrondosa.

Nos últimos sete anos, a imprensa brasileira vem divulgando com frequência crescente a existência da chamada "Máfia da Loteria". PLACAR, a partir de dois escândalos ocorridos no fim do ano passado (o caso Flávio Moreira, atualmente sendo investigado pela Polícia Federal, no Rio de Janeiro, e o caso Negreiros, em Santos), passou a investigar a presença dessa nebulosa instituição, buscando trazer a público o nome de seus chefes, que permaneceram anônimos por todos esses anos, protegidos pela lendária lei mafiosa do silêncio.

Hoje, depois de ouvidos jornalistas, técnicos de futebol e dirigentes de clubes em vários estados do Brasil, e contando também com a colaboração profissional do radialista Flávio Moreira, PLACAR está pronta para denunciar esses cidadãos acima de qualquer suspeita — que criaram e sustentaram uma invejável rede de corrupção que chega a estender seus fios para além das fronteiras do país, para provocar resultados surpreendentes em testes da Loteria Esportiva, burlando a boa-fé dos apostadores — e a impecável seriedade da Caixa Econômica Federal.

Pois, como diz o arrependido Flávio Moreira, que viu sua carreira profissional desmoronar a partir da denúncia do ex-presidente do Botafogo Charles Borer, "a Loteria Esportiva é séria até a bola rolar". Com isso, ele quer dizer que a Caixa procura dar o máximo de segurança aos apostadores mas quando as partidas são iniciadas nos fins de semana, ela não pode evitar que árbitros, técnicos, dirigentes e jogadores se envolvam com a complexa engrenagem de suborno montada pelos "zebrões".

Essa engrenagem, azeitada por gordas quantias de dinheiro, começa a funcionar no exato momento da escolha dos treze jogos que vão compor os testes. Foi assim durante os quase sete anos em que Flávio Moreira trabalhou na agência de notícias Sport Press, sediada no Rio — e encarregada de propô-los semanalmente à Caixa Econômica. Tudo leva a crer que o esquema continua funcionando com a mesma eficiência.

Como chefe do setor de loteria da Sport Press, Moreira organizava os testes escolhendo jogos que interessavam aos grupos para os quais trabalhava, mandando-os para aprovação em Brasília. Esses jogos determinados envolviam clubes aos quais os vários grupos que formam a "Máfia da Loteria" tinham facilidade de acesso. "Meu primeiro contato com eles foi justamente para isso", confessa Flávio Moreira. "Por volta de 1975, fui procurado na Sport Press por pessoas de São Paulo para colocar jogos pré-escolhidos por elas nos testes que eu organizava."

Moreira chegara ao Rio logo após a Copa do Mundo de 1974 e, passados alguns meses, recebera um telefonema de Alberto Damas-

BILL CARTAXO

Flávio Moreira, o radialista: ele selecionava as partidas com potencial para arranjos escusos

ceno, radialista cearense com quem tinha amizade. "Flávio, uma pessoa de São Paulo quer falar muito contigo", disse Damasceno, atualmente supervisor e arrendatário do América de Fortaleza. Dias depois, Moreira mantinha seu primeiro encontro com João Nunes Filho, na época gerente do Banco Econômico, agência Pinheiros, em São Paulo, que se dizia representante de um grupo que jogava pesado na Loteria Esportiva. Com o tempo, Moreira descobriu que Nunes era o próprio chefe do grupo, e não apenas um mero representante. E, aos poucos, a participação de Moreira deixou de ficar restrita à escolha dos jogos nos testes que preparava. Passou a ser, na verdade, o principal contato do grupo na fabricação de resultados inesperados nos campos de futebol do país. "Era uma bola de neve", compara o radialista. "A cada dia eu ficava mais envolvido e consciente de que não dava mais para sair."

Às vezes, os donos das lojas lotéricas onde os cartões são perfurados traem a confiança dos "zebrões" e vendem a outros clientes a aposta já pronta. Para evitar esse tipo de carona por tudo indesejada, os grupos procuram jogar apenas em revendedores intimamente ligados a eles e na madrugada de sexta-feira — embora a Caixa Econômica determine que as apostas sejam encerradas às quintas-feiras, às 22 horas.

Sérgio Martins

Em dezembro de 1985, a Polícia Federal finalmente anunciou a conclusão do inquérito sobre a Máfia da Loteria Esportiva. Dos 125 acusados na reportagem de PLACAR, apenas vinte pessoas foram indiciadas, pela dificuldade de encontrar provas, e apesar do grande número de evidências. A lista era encabeçada por comerciantes denunciados como membros das ramificações carioca e paranaense do esquema.

Na edição de 27 de dezembro de 1985, PLACAR noticiou: "No relatório de 76 páginas, também enviado à Justiça na segunda-feira retrasada, os vinte acusados são indiciados por estelionato e formação de quadrilha. Notórios 'zebrões', no entanto, não puderam ser enquadrados por falta de provas (...) É o caso do médico Fernando Hosannah, acusado de ter subornado jogadores do Vitória para conseguir uma vitória do Serrano (2 x 1) na Bahia, em 1981. Mesmo reconhecendo que 'Hosannah é uma figura desonesta no futebol', o delegado (Paulo Lacerda) diz que conseguiu apenas a palavra do denunciante contra a dos quatro denunciados."

ACERTOS À SOMBRA

NOVO ESCÂNDALO DE PARTIDAS COMPRADAS: UM ESQUEMA PARA MANIPULAR OS RESULTADOS DE BRASIL E ARGENTINA NAS ELIMINATÓRIAS DA COPA DE 1994

Em 1997, PLACAR voltou a iluminar um novo caso de corrupção no futebol ao ouvir o árbitro José Aparecido de Oliveira e o auxiliar Daniel Fernandes, que deram detalhes da troca de dinheiro por resultados durante as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1994. As denúncias atingiram em cheio a Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol (Conaf) e resultaram na suspensão do presidente da entidade, Ivens Mendes.

Nem Ronaldinho nem Romário. Durante as últimas semanas, o principal assunto no futebol passou a ser a voz arrogante de um senhor de 62 anos, cabelos em desalinho e olhos quase esbugalhados. Numa série de reportagens, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, mostrou o que todos sempre suspeitaram: havia um esquema de juízes para beneficiar certos clubes. De um momento para outro, Ivens Mendes, com suas suspeitíssimas conversas gravadas em 24 horas de fitas, virou o grande vilão. O presidente da Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol (a Conaf, departamento da CBF responsável pela escala dos árbitros nos campeonatos brasileiros) foi flagrado com insinuações de manipulação de jogos. Ora Ivens aparecia achacando o presidente do Atlético Paranaense em 25 000 dólares; ora o presidente do Corinthians, Alberto Dualib, entrava no anedotário do futebol com sua oferta de "um, zero, zero" como ajuda para a campanha de Ivens a deputado federal.

Ivens passou as semanas seguintes desaparecido, enquanto era demonizado por todos, sem exceção. O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, lamentou a traição do subalterno, que estava fazia oito anos na entidade. Os cartolas envolvidos posaram de vítima, enquanto uma subcomissão era montada na Câmara dos Deputados, sob as mais estrepitosas promessas, para, logo em seguida, mostrar uma grande vocação de pizzaria. A ordem parecia ser: toda a culpa sobre Ivens Mendes, e não se fala mais nisso.

SILVINA MENDES

JUAN MABROMATA/AFP

Julio Grondona, presidente da Associação Argentina: "Essa história é absurda"

Talvez não seja bem assim. O esquema ultrapassaria as fronteiras nacionais e mexeria até com resultados das Eliminatórias da Copa do Mundo. É o que surge do depoimento exclusivo do árbitro paulista José Aparecido de Oliveira a PLACAR. A história envolve o jogo entre Colômbia e Argentina, pelas Eliminatórias da Copa de 1994, que Aparecido apitou. Ivens é novamente o personagem principal. "Ele pediu que

Ivens Mendes *(de luvas)*, então mandachuva dos árbitros no Brasil: "O Brasil vai precisar de auxílio"

eu ajudasse a Argentina", conta o árbitro. "Depois os argentinos ajudariam o Brasil."

A novidade é a presença do presidente da CBF. Ivens não estaria fazendo um esquema por vontade própria. Estaria, sim, a mando do chefe. E quem lhe desobedecesse sofreria as penas. "Não cumprimos o acordo firmado entre os presidentes Ricardo Teixeira, da CBF, e Julio Grondona, da AFA *(Associação Argentina de Futebol)*, e ficamos de fora para sempre dos jogos internacionais", conta Daniel Fernandes, bandeirinha na partida.

Segundo Aparecido, o contato com Ivens foi feito inicialmente por telefone, na manhã de 11 de agosto de 1993. O ex-presidente da Conaf perguntou onde o árbitro estaria naquela tarde e se ele poderia levá-lo ao aeroporto. Aparecido o apanhou na porta da Federação Paulista e, em seu carro, deu carona ao cartola. No caminho, Ivens falou sobre o jogo entre Colômbia e Argentina, no dia 15 de agosto.

Ele foi direto ao assunto, na versão do juiz: "Você vai apitar a partida em Barranquilla e deve ajudar os argentinos. O Brasil certamente vai precisar de auxílio nas Eliminatórias e quem vai cuidar disso são os argentinos, e não os colombianos". Aparecido permaneceu calado e deixou o chefão no aeroporto. As Eliminatórias de que Ivens falava foram terríveis para Brasil e Argentina. Pela primeira vez na história, a seleção perdeu uma partida nessa fase da disputa (Bolívia, 2 a 0) e chegou à última rodada precisando de 1 ponto diante do Uruguai, no Maracanã. Os argentinos, por sua vez, sofreram uma goleada histórica da Colômbia em Buenos Aires (0 a 5) e só carimbaram a passagem para os Estados Unidos ao disputar a repescagem contra a Austrália. Naquela conversa com Aparecido, no carro, Ivens parecia antever tais problemas.

Três dias depois de receber a ordem, já em Barranquilla, o juiz ainda estava atormentado. Após ligar quatro vezes para sua casa, em São Paulo, convocou uma reunião com o restante do trio de arbitragem, composto dos bandeirinhas Daniel Fernandes e José Jurandir Lins, além do árbitro reserva Oscar Roberto Godói. Quando souberam do pedido, os três ficaram indignados: "Você pode até fazer o esquema, mas eu vou denunciar. A cada gol da Argentina que você marcar, levanto a minha bandeira. Tenho três filhas, e quero voltar para casa. Aqui na Colômbia eles matam por causa de futebol, sabia?", ameaçou o bandeirinha Daniel Fernandes, que lembra ter notado olhares de aprovação dos outros colegas presentes.

(...)

Ao contrário do que fora combinado, a partida terminou em vitória da seleção local por 2 a 1. Depois de voltar ao Brasil, Aparecido recebeu um telefonema de Ivens. "Você está fora da Fifa, por determinação da AFA", comunicou-lhe laconicamente o ex-chefão da Conaf. Tempos depois, os auxiliares presentes no mesmo jogo, Daniel Fernandes e José Jurandir Lins, também perderiam seu escudo da Fifa. Procurados por PLACAR, Ivens Mendes e Ricardo Teixeira não se pronunciaram sobre o assunto. O presidente Julio Grondona, da AFA, desconversou. "Essa história é absurda", disse.

Sérgio Ruiz Luz e Paulo Vinícius Coelho

UM VULCÃO CHAMADO MARADONA

COROADO NA COPA DO MÉXICO, EM 1986, O CRAQUE ARGENTINO EXPLODIU NA ITÁLIA, ATRAIU MULTIDÕES E SE TRANSFORMOU EM GRANDE NEGÓCIO

PLACAR acompanhou a ascensão e queda, do início ao fim, do argentino Diego Armando Maradona, talvez o maior jogador da história, depois de Pelé. Em 1986, quando o camisa 10 vivia o auge, logo após o título mundial com sua seleção na Copa do México, o repórter e fotógrafo Lemyr Martins foi a Nápoles entender a adoração dos italianos pelo genial e incandescente canhoto.

O relógio luminoso do Estádio Olímpico de Roma marcava 8 horas da noite quente da quarta-feira, dia 27 de agosto, quando a figura de 1,68 metro surgiu na boca do túnel. Diego Armando Maradona vestia-se à italiana — calça larga, camisa bufante e sapato esporte. Pouco abaixo da cabeleira em desalinho, a barba crescida e um sorriso aberto. A aparição foi como uma senha para que os 30 000 enlouquecidos *tifosi napolitani* explodissem, iniciando sua furiosa louvação ao novo rei do futebol mundial.

Como súditos reverentes, os torcedores do Napoli eram maioria no Olímpico. Seu ruído de delírio simplesmente sufocou a tímida vaia ensaiada pela invejosa torcida da Lazio, composta de menos de 8 000. E os outros 12 000 neutros espectadores se divertiram com a cena. Afinal, haviam comparecido ao estádio para ver Maradona brilhar naquela segunda partida de seu time, válida pela Copa da Itália. Tudo era festa.

Mais tarde, ele voltou ao campo adequadamente vestido para mostrar o que melhor sabe fazer na vida. Trajava o segundo uniforme do Napoli, todo vermelho, em vez da tradicional *maglia* celeste. Bastou, enfim, a erupção daquele vulcão vermelho para o centro do gramado, e seu nome não parou mais de ser cantado.

(...)

Cada jogada, cada discreto toque na bola era suficiente para provocar uma demorada ovação. Quando deu o passe para Carnevale marcar o primeiro gol, saudou a torcida, curvando-se e agradecendo os aplausos. Pedia, também, palmas para seu companheiro. O belo Estádio Olímpico, porém, estremeceu de fato no momento em que Maradona, caído, conseguiu alcançar um rebote de uma cabeçada que ele mesmo havia acertado. Foi o gol da vitória por 2 a 0. A partir daí, não se ouviu mais nada que não fosse ecos de "Maradona, Maradona".

Definitivamente, ele reina absoluto na Itália. Os jornais jamais deixam de rebuscar dicionários para adjetivá-lo — *fuoriclasse, spettacolare, campione mondiale* e uma série de outras palavras, algumas delas até inventadas. A *Gazzetta dello Sport* saiu com a seguinte manchete, após a vitória contra a Lazio: *"Due invenzione dell'argentino firmano la vittoria del Napoli"*.

(...)

Aos 25 anos, esse impecável craque, que fez sua estreia profissional dez anos atrás, no dia 20 de outubro de 1976, pelo Argentinos Juniors, tem consciência de onde se encontra. Sente-se honrado e ao mesmo tempo responsável. "O Campeonato Italiano é o mais belo do mundo", define. "Todos os jogadores sonham em jogar aqui porque essa competição é um desafio." Ele mede as palavras. "É um risco excitante, com todos os olhos nos fiscalizando."

O sucesso, entretanto, estabelece um distanciamento entre ele e os fãs. Chegar até Dieguito é algo tão mágico como seu toque de bola. E sua vida é uma sucessão de obstáculos até mesmo aos hábitos mais prosaicos.

Saborear um spaghetti alle vongole, por exemplo, não é um prazer

KENNETH POULSEN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

que Maradona possa sentir como qualquer mortal de Nápoles. Tem de estudar o restaurante antecipadamente. Em seguida, entrar discretamente e degustar seu prato predileto escondido dos frequentadores. Católico convicto, o astro também obedece a um calculado esquema para comparecer à catedral da cidade, onde fica o santuário de San Gennaro. Ali, pelo menos uma vez por ano, repete-se o milagre do sangue que escorre da imagem do santo. "Devia ir mais à missa", penitencia-se Maradona. "Mas, se não vou, não é para evitar a curiosidade. São os compromissos e as viagens do clube que não permitem."

Paciente e conformado com as várias facetas da fama que a Copa do México lhe deu, Maradona vê-se na curiosa situação de ter de driblar mais fora do campo do que nos jogos da Copa Itália.

Marca seus encontros, invariavelmente, para depois dos treinos. Resignado, atende aos mais diferentes pedidos e pessoas. Com um italiano aceitável — não raro acompanhado de gestos extravagantes —, vê desfilar, além das costumeiras convocações da imprensa, convites para festas, propostas para contratos publicitários e uma fila imensa de admiradores que vão ao campo de treinos do Napoli para se imortalizar em fotos a seu lado.

(...)

Maradona é uma unanimidade municipal. Não existe ninguém para falar mal dele. As agências de turismo incluem em seus roteiros todos os jogos em que esteja atuando. A luta por um ingresso é dura: dos 85 000 lugares disponíveis no Estádio San Paolo, do Napoli — bela lição para os cartolas brasileiros —, 71 000 já foram vendidos em carnês fechados para toda a temporada. E restaram 14 000 para ser divididos entre turistas e torcidas adversárias.

Adoração na cidade da Máfia: jogos do camisa 10 no Estádio San Paolo incluídos nos passeios de turistas

"Há 25 meses, quando compramos o jogador, disseram que era uma loucura", diz o diretor Carlo Giuliano. "Hoje, ele é o melhor negócio do planeta."

(...)

A impaciente e sofrida torcida do Napoli comemora neste ano o sexagésimo aniversário do clube, sem, contudo, ter festejado um campeonato. Com Maradona, entretanto, acredita que o sonho já é possível. Prova disso é o entusiasmo de Ettore Vicenzo, um famoso *capo tifosi*. "Maradona é como uma erupção do Vesúvio", compara. A expressão significa muito. Um dos grandes vulcões da Europa, a 12 quilômetros de Nápoles, o Vesúvio manifestou-se, pela última vez, em 1944.

Lemyr Martins, de Nápoles

NOS SUBTERRÂNEOS DO DOPING

AS MIRABOLANTES CONTRAFAÇÕES DE UM CRAQUE DE PASSADO SOMBRIO — DEPOIS TREINADOR E COMENTARISTA — QUE FUGIA DOS EXAMES

Em 1984, quando o diretor palmeirense Márcio Papa acusou os médicos responsáveis pelo exame antidoping do Campeonato Paulista de fraude e armação por terem, segundo ele, utilizado a urina de uma mulher grávida em vez do material recolhido do atacante Mário Sérgio, após uma partida contra o São Paulo, criou-se um mal-estar no meio médico futebolístico. Era uma acusação forte demais, que precisaria ser confirmada ou reparada publicamente. Ao resgatar episódios antigos da carreira do craque, a equipe de PLACAR iluminou passagens sombrias de seu passado. Como resultado da reportagem, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) suspendeu o jogador por noventa dias. Ao fim da carreira de futebolista, ele virou um respeitado técnico e, depois, comentarista. Mário Sérgio morreu no acidente com o avião da Chapecoense, em 2016.

A semana passada foi de luzes e sombras para o ponteiro Mário Sérgio, do Palmeiras. Na quarta-feira, o jogador deslumbrou a torcida na vitória contra o XV de Piracicaba, no Pacaembu, por 4 a 1. Nos outros dias, perambulou pelo deprimente cenário do escândalo nascido dos exames antidoping da Federação Paulista de Futebol, que constataram a presença de anfetaminas na amostra de sua urina colhida depois do jogo contra o São Paulo, no dia 9 do mês passado.

As manobras do Palmeiras para garantir a validade dos pontos que conquistou no campo foram a causa principal do obscuro jogo de acusações em que Mário Sérgio foi obrigado a desempenhar o papel de um zagueiro medíocre. Nessa posição defensiva, ele acusou uma conceituada professora de toxicologia — a doutora Ester de Camar-

SERGIO BEREZOVSKY

Mário Sérgio, em 1984, então no Palmeiras: urina misturada com gelo para evitar a descoberta de drogas

go Fonseca Moraes, do laboratório da USP —, dizendo que ela queria "obstruir" o processo de elucidação do caso. A professora negara-se a fracionar a urina indispensável à contraprova do exame para atender à exigência do Palmeiras de outro tipo de exame. Pouco acostumada a manobras como as que foram montadas pelo Palmeiras, que se valeu de uma liminar do Superior Tribunal de Justiça Desportiva para impedir a feitura da contraprova, a cientista parecia aliviada ao devolver à Federação Paulista o resto de urina, que serviria para o exame final.

Ao rumoroso caso, juntaram-se nuvens que pareciam passadas. Em Candeias, a 47 quilômetros de Salvador, o médico e ex-presidente do Vitória Carlos Palma, 46 anos, admitiu que Mário Sérgio havia escapado de um exame antidoping no dia 3 de dezembro de 1972, quando jogava pelo clube baiano, após ter sido escolhido para o exame no jogo em que o São Paulo goleou o Vitória por 5 a 2, no Morumbi. Mesmo depois de quase doze anos, o acontecimento ganha gravidade, pois os responsáveis e as testemunhas deixaram de mencioná-lo em qualquer documento. Carlos Palma afirma ter conseguido convencer o médico da CBD responsável pela coleta a não citar o caso e a contentar-se com o exame de outro jogador.

Nos cinco anos durante os quais Mário Sérgio foi grande ídolo do Vitória (de 1971 a 1975), surgem ainda outras sombras. O massagista Gaguinho, figura folclórica do Vitória, garante que forneceu a urina para outro exame para o qual Mário Sérgio tinha sido indicado. Isso aconteceu no dia 8 de outubro de 1972, quando o time baiano foi arrasado pelo Atlético Mineiro, no Mineirão, por 5 a 0. Estranhou-se a forma como Mário Sérgio se contundiu, faltando três minutos para terminar a partida e já escolhido para o exame antidoping. Levado para a enfermaria, ele fez exames radiográficos que não acusaram nenhuma lesão. Gaguinho garante: "Fui eu quem forneceu o material".

"O Gaguinho está inventando", respondeu Palma. "O médico da CBD naquele tempo era o Lídio Toledo, um homem experiente, que não se deixaria enganar assim."

Gaguinho não se dobra: "O médico não era o Lídio Toledo; era outro. Disse que o Mário Sérgio só urinaria tomando banho, carreguei ele para o chuveiro e então, todo molhado, coletei o material".

Tais casos parecem já ter percorrido um razoável caminho nos limites do restrito círculo das pessoas que só falam quando isso lhes é conveniente. "Conheço todas essas histórias", confidenciou o próprio diretor de futebol do Palmeiras, Márcio Papa, que é o principal articulador da defesa de Mário Sérgio e do clube contra a acusação de doping. "Posso garantir: dessa vez, ele não havia tomado nada".

No outro extremo, o presidente da Comissão Antidopagem da Federação Paulista de Futebol, o médico Osmar de Oliveira, foi surpreendido pela exigência formulada pelo perito Luís Ribeiro do Valle, contratado pelo Palmeiras, durante a inacreditável discussão que resultou no segundo adiamento da contraprova, na semana passada. Ribeiro do Valle exigia um exame para a constatação de "corpos estranhos" na urina reservada à análise. Intrigado, Oliveira pediu que ele fosse mais específico: "Que corpo estranho o senhor quer detectar?". O perito foi decidido: "Celulose".

O caso provavelmente chegará a um impasse que fatalmente desaguará no esquecimento. A maior evidência disso é a carreira comicamente itinerante dos últimos 7 mililitros da urina coletada no dia 9, que deve estar afogada na água do gelo com o qual foi acondicionada na data em que deveria ter sido feita a contraprova.

Aparentemente frio diante da situação que ameaça interromper sua carreira no ponto mais alto, Mário Sérgio garante que abandonará o futebol se for punido com a pesada suspensão prevista em lei. Rico, consagrado como craque, talvez ele não precise mais do futebol para viver. É mais provável que seja o contrário: o futebol brasileiro é que precisaria da classe de um Mário Sérgio para servir de escola aos mais novos. Mas que não paire sobre esse futebol brilhante nenhuma suspeita de que o jogo não é limpo.

CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE

OS DRAMAS DE UMA EQUIPE DO INTERIOR SUBMETIDA À TENTAÇÃO DO DINHEIRO FÁCIL, NUMA FOTONOVELA ADAPTADA POR AGUINALDO SILVA E INTERPRETADA POR PAULO JOSÉ

"Por que o futebol, que é um mundo tão rico e singular e que serviria às mil maravilhas para uma alegoria da própria sociedade em que vivemos, não exerceu maior presença entre os autores brasileiros?" Assim começava o texto do dramaturgo Dias Gomes (1922-1999), convidado a apresentar a publicação, em PLACAR, da fotonovela *Chapetuba Futebol Clube*, adaptada por Aguinaldo Silva da peça de Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) e com o ator Paulo José na figura do personagem central da trama, o goleiro Maranhão. Chapetuba é um time do interior às vésperas de uma partida que pode mudar sua história, porém mergulha em um dilema, com seus jogadores tentados a facilitar o jogo ao adversário em troca de um bom dinheiro. Mas, afinal de contas, por que a dramaturgia brasileira pouco passeou pelos gramados de futebol? Para Dias Gomes, naquele texto original, havia uma resposta: "Preconceito". Com vocês, trechos da pequena obra-prima de Vianninha, publicada por PLACAR ao longo de quadro edições, em 1976.

NEM TUDO ERA PAZ E TRANQÜILIDADE NO TIME DE CHAPETUBA. ÀQUELA MESMA HORA, NO ESTÁDIO, O TREINO FORA INTERROMPIDO, POR CAUSA DE UMA DISCUSSÃO ENTRE PAULINHO E CAFUNÉ. FILHO DE UM COMERCIANTE PRÓSPERO DA CIDADE, PAULINHO PRATICAMENTE COMPRARA UMA VAGA NO TIME E USAVA O PRESTÍGIO DO PAI PARA INFLUENCIAR ATÉ OS DIRETORES DO CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE.

MARANHÃO OLHA EM TORNO, OBSERVA A RUA DESERTA. O ÚLTIMO DIÁLOGO COM DURVAL LHE É PENOSO: "ELE JÁ MORREU", DISSE BENIGNO.
Chegou outra carta do Rio. O Flamengo é o meu lugar. Agora volto como quero...
Sem gente pra ficar em cima de mim, dando ordens. Eles me pediram, dessa vez: "Volta, Durval".
Lá é o meu lugar.
O ÔNIBUS JÁ ESTÁ ATRASADO. MARANHÃO QUER APENAS SAIR, DEIXAR CHAPETUBA PARA TRÁS. E, DEPOIS, CONTINUAR, SEGUIR COM AQUELE PROCESSO QUE CERTAMENTE O LEVARÁ AO CONHECIMENTO DAS COISAS.
Este pessoal fica pondo sonho na cabeça, pensando em bobagens. E, quando vai ver, não é bem assim. Futebol é futebol.
É verdade.
E esse ônibus que não vem, sempre atrasado. Cidadezinha horrorosa, não sei como pude agüentar. Pra onde é mesmo que você vai?
MARANHÃO SORRI: ELE SABE QUE DURVAL NÃO ENTENDERÁ SEU SORRISO, NEM SUA RESPOSTA
Pra qualquer lado. Mas a gente não vai na mesma direção.
fim

ESTREIA **A primeira edição foi às bancas em março de 1970, dois meses antes da Copa do México. A revista inaugural trouxe Pelé como destaque e uma pesquisa que revelava o desejo da torcida: Tostão no time titular da seleção. O resto é história**

50 ANOS EM 50 CAPAS

AS AVENTURAS E AS DIFICULDADES — QUASE SEMPRE SUPERADAS COM CRIATIVIDADE — NA ESCOLHA DOS PERSONAGENS QUE POR MEIO SÉCULO OCUPARAM O ESPAÇO MAIS NOBRE DO JORNALISMO ESPORTIVO DO BRASIL

***Marcelo Duarte**

Jun./1970 A 15ª edição registrou a festa do tricampeonato do mundo

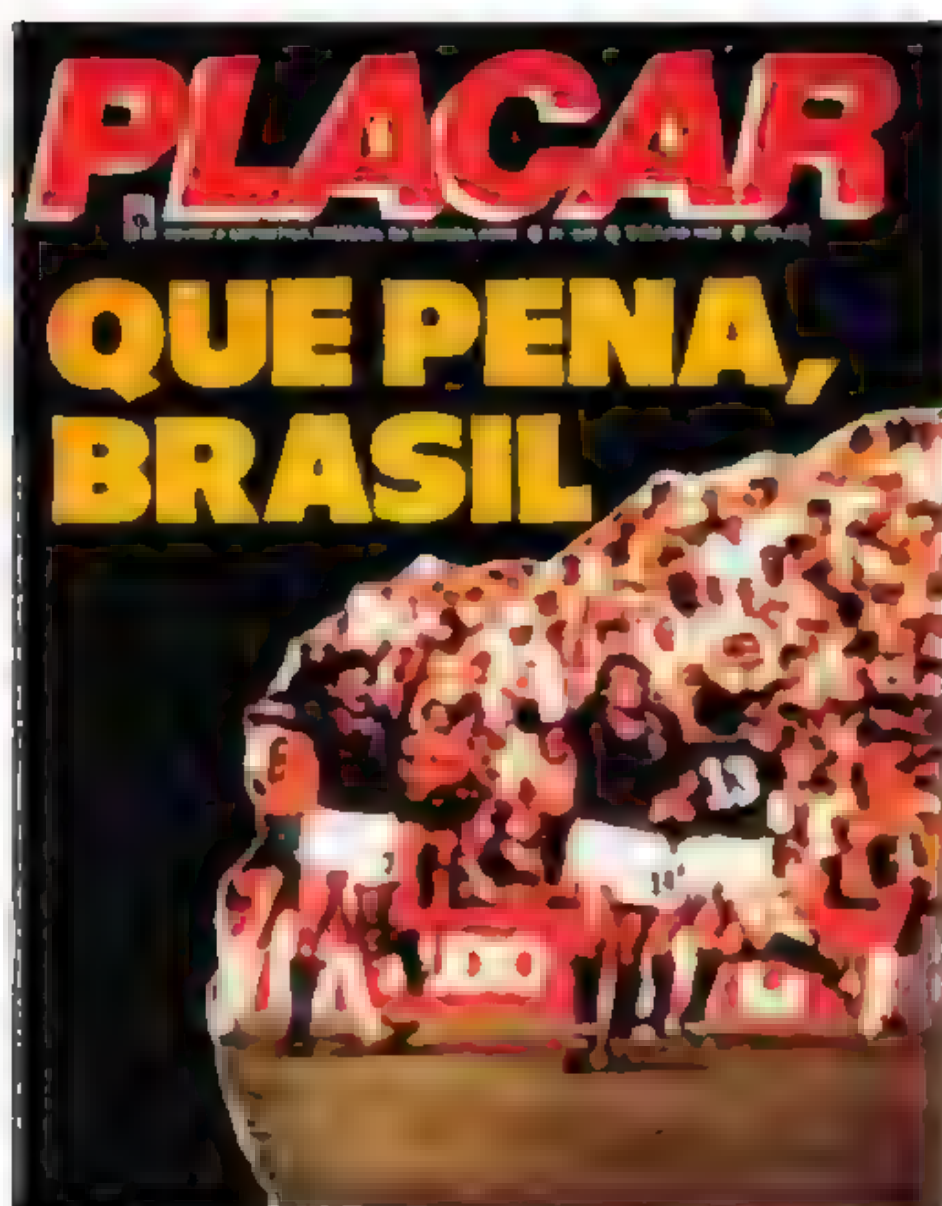
Abr./1971 Paulo Cezar Caju: o mais irreverente dos craques brasileiros

Ago./1971 Roberto Rivelino (com um L só) era o cara do Corinthians

Dez./1973 O atleticano Campos e o inédito caso de doping no futebol brasileiro

Jun./1978 Reinaldo, o genial centroavante, na Copa da Argentina

Dez./1980 O que fariam Sócrates e Zico depois do futebol, no século XXI?

Out./1981 O vascaíno sonhava em voltar à seleção depois de ter feito três gols contra o Fluminense

Jul./1982 A única chamada possível depois da tragédia do Sarriá

Out./1982 Um ano de apuração rendeu o furo de reportagem

— E se ele não topar? — perguntou o diretor de redação, Juca Kfouri.

Estávamos reunidos para decidir os detalhes da capa da primeira edição do novo projeto de PLACAR ("Futebol, Sexo e Rock & Roll)", que seria lançado dali a algumas semanas. O personagem escolhido foi o centroavante Edmundo, apelidado de "Animal" pelo locutor Osmar Santos. A vida conturbada e os inúmeros problemas particulares transformaram o jogador do Palmeiras num barril de pólvora sempre com o pavio aceso. Já tínhamos a chamada da capa em mente: "O Animal precisa de carinho". A dúvida era: como mostrar o lado carente do jogador e, ao mesmo tempo, a ousadia de nosso novo projeto? Sugeri que fizéssemos um retrato de Edmundo com cara de mau segurando um ursinho de pelúcia.

— O Edmundo pode não gostar da ideia, virar as costas e ir embora do estúdio — uma voz alertou.

Combinamos de deixar a foto polêmica por último. Se ele se irritasse com a brincadeira, já teríamos feito o ensaio e usaríamos outra imagem na capa.

Escalamos o fotógrafo Bob Wolfenson para fazer o ensaio. A diretora de arte, Lenora de Barros, e o editor de fotografia, Ricardo Corrêa, acompanharam o trabalho. No livro *Cartas a um Jovem Fotógrafo*, Bob contou a estratégia para conseguir a foto. Primeiro pediu a Edmundo que tirasse a camiseta. "Sem camisa, de maneira alguma", disse ele. "Então faça algo que não seja esperado de um jogador". Outra negativa. Foi então que o fotógrafo sugeriu:

— Tenho um ursinho de pelúcia da minha filha aqui no estúdio. Você toparia fazer com ele?

O bicho, na verdade, tinha sido levado por Lenora, que teve o cuidado de tirar a camiseta vermelha com o nome Pooh. Depois de tantos nãos, Edmundo aceitou a ideia.

Nov./1982 O reencontro de dois mitos. Garrincha morreria logo depois

Nov./1983 A passagem-relâmpago de Parreira pela seleção brasileira

Fev./1984 A boa fase do palmeirense Reinaldo o fez estrela efêmera

Abr./1984 Pelé também fez campanha pela redemocratização do país

Abr./1984 Sócrates desistiria da Itália pelas diretas (que não seriam aprovadas)

Jul./1984 Entrevista exclusiva de Tostão após onze anos de silêncio e reclusão

TRANSFORMAÇÃO A revista acompanhava de perto a vida dos craques, permanentemente atraídos pela fama repentina e pelo dinheiro. De 1985 a 1986, Müller, estrela do São Paulo e da seleção, foi de promessa, colado aos ritos da igreja neopentecostal, ao estereótipo do boleiro, afeito aos prazeres mundanos

Nov./1984 O espalhafatoso árbitro apelidado de "Pantera Cor-de-Rosa"

Abr./1985 As corajosas revelações de Mário Sérgio, que fora flagrado no doping

Mai./1986 A versão do lateral do Flamengo sobre a deserção da seleção

Jun./1986 Lágrima por mais uma eliminação em Copa do Mundo

Nov./1986 Jorginho e o porco: atalho para o Palmeiras assumir o apelido

Ago./1989 O Rei do Futebol na capa da edição número 1 000 de PLACAR

— Faça um carinho nele! — pediu Bob, feliz da vida com a missão cumprida.

Por todos esses ingredientes, a capa de PLACAR de abril de 1995 se tornou uma das mais icônicas dos 50 anos da revista, vendeu 242 000 exemplares e deu o tom a todas as superproduções que faríamos a partir daí, na nova fase. Edmundo ainda seria contratado para estrelar o comercial de TV de relançamento.

Por coincidência, outro camisa 9 do Palmeiras marcou a minha estreia em PLACAR, em fevereiro de 1984. Fui escalado para escrever um perfil de Reinaldo Xavier, centroavante gaúcho grandão, que fez 31 gols em 95 partidas pelo Palmeiras entre 1984 e 1985. Naquele fim de semana, o time alviverde venceu o Brasília por 4 a 0 pelo Campeonato Brasileiro. Reinaldo Xavier marcou o primeiro, aos 23 minutos da etapa inicial. Minha reportagem de duas páginas virou capa da edição paulista. Obviamente, a escolha não se deu em razão da qualidade do texto do repórter iniciante. A capa dependia muito mais dos resultados dos clubes grandes. PLACAR vendia emoção. Era o torcedor do time vitorioso que, invariavelmente, se entusiasmava para ir até a banca na terça-feira comprar a revista.

Até mesmo a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro era levada em consideração. PLACAR circulou centenas de vezes com duas capas. O Brasil era dividido em dois: uma capa de São Paulo para baixo e outra capa do Rio de Janeiro para cima. Não era raro recebermos reclamações de leitores paulistas que, ao visitar o Rio na mesma semana, haviam comprado outro exemplar e só depois perceberam que o miolo era igualzinho. Na época das decisões estaduais, uma mesma edição chegava a circular com cinco capas diferentes.

Quando a revista era semanal, entre 1970 e 1990, a escolha da capa

Jun./1990 O 10 da Argentina: algoz do Brasil na Copa da Itália

Dez./1992 Um salve para as glórias do São Paulo de Telê Santana e Raí

Abr./1994 Os onze escolhidos em votação popular para a Copa nos EUA

DELICADEZA O "animal" Edmundo e o ursinho de pelúcia, figuras inaugurais da fase "Futebol, Sexo e Rock & Roll", em abril de 1995

Jul./1994 Dunga e a taça: o tetra veio após 24 anos de espera

Jul./1995 Herói do título do Flu, Renato encarnou o personagem William Wallace

Dez./1995 O adeus de Juninho: a caminho da Inglaterra

Fev./1996 Ronaldinho (e não Ronaldo) vendido ao Barcelona

Jul./1998 O fim traumático da era Dunga (como jogador, ao menos)

Abr./2000 Os torcedores (dos rivais) disseram não suportar Marcelinho

Jun./2000 Luxemburgo era um treinador (quase) incontestável

Ago./2001 O jovem futuro melhor do mundo no início da carreira vitoriosa

Nov./2001 O iconoclasta Viola e a vida na periferia, antes da fama

era um dos momentos mais tensos do fechamento das noites de domingo. Reportagens especiais tinham prioridade, e eu vivi várias dessas capas: o doping de Mário Sérgio; a entrevista de Tostão depois de onze anos de silêncio; ou o desabafo do lateral Leandro, cortado da seleção de Telê em 1986. Mas, quando os campeonatos começavam a pegar fogo, a capa só era decidida mesmo depois da rodada do domingo. E depois que os 120 rolos de filmes tivessem sido revelados. Nem sonhávamos com fotos digitais. Os negativos eram pré-selecionados pelo editor de fotografia. O diretor de redação, o redator-chefe e o diretor de arte se sentavam em frente à mesa de luz, analisavam as fotos até fazer a escolha. Os fotógrafos de PLACAR sempre foram craques. No caso das sucursais, eles cobriam apenas quinze, vinte minutos do primeiro tempo para conseguir despachar os filmes para São Paulo por avião. O laboratório demorava duas horas para fazer a revelação.

Muitas capas eram comemoradas como gols marcados no último minuto do jogo. Lembro da redação em festa quando o fotógrafo Ronaldo Kotscho avisou que tinha conseguido fazer a foto de Pelé com a camiseta "Diretas Já!". Kotscho foi

para o Rio de Janeiro com a camiseta amarela com letras silcadas em preto. Esperou uma pausa do Rei do Futebol nas filmagens do longa-metragem *Pedro Mico*. Também houve muita vibração quando fotografamos Jorginho, do Palmeiras, segurando um porquinho em novembro de 1986. Amargando dez anos sem títulos, a torcida palmeirense resolveu adotar o apelido "porco" e PLACAR negociou com a diretoria palmeirense a permissão para a foto. Jorginho mostrou muita habilidade para segurar o bichinho. "Eu nasci no interior, em Marília, e tenho prática com animais", explicou. A derrota do Brasil para a França, na Copa de 1998, mereceu uma foto de Dunga cabisbaixo e uma chamada dramática: "Adeus, penta".

Como leitor, na infância e na adolescência, eu não tinha o hábito de colecionar a revista. Gostava, isso sim, de recortar os escudinhos para os botões. Também recortava algumas fotos para usar no jornalzinho esportivo que fazia na escola. Foram poucas as edições que efetivamente guardei — e as capas eram sempre a razão de poupá-las da tesoura. Tenho até hoje a revista número 1, de março de 1970, com Pelé na capa. Pelé e Garrincha juntos em novembro de 1982 pareceu uma capa premonitória. O Anjo das Pernas Tortas morreria dois meses depois. Jorginho, o mesmo do porquinho, cumprimenta o árbitro José de Assis Aragão, que tocou para o gol do Santos uma bola que estava saindo pela linha de fundo em outubro de 1983. Ou, no mês seguinte, o dedo apontando a direção da saída para o técnico Carlos Alberto Parreira da seleção. Tenho também na minha estante a edição da Máfia da Loteria, de outubro de 1982. Uma capa toda preta e o título: "Exclusivo! Desvendamos a Máfia da Loteria Esportiva".

Mesmo com o fim da era "Futebol, Sexo & Rock 'n' Roll", os retratos

Jul./2002 Os grandes momentos da campanha do penta, no Japão e na Coreia

Ago./2004 Ídolo santista, Robinho acabou vendido ao Real Madrid

Dez./2006 Mentir a idade: uma das terríveis mazelas brasileiras

Mai./2008 Messi e Cristiano Ronaldo a caminho do estrelato; Fábregas teve menos destaque

Ago./2008 Felipão como guarda da rainha, contratado pelo Chelsea

Set./2008 Uma resposta difícil: o são-paulino ou o palmeirense?

Set./2009 A força evangélica dentro do time comandado por Dunga

CELEUMA. A representação artística da fama de cai-cai de Neymar, em outubro de 2012, fez até a CNBB reclamar da imagem

Abr./2010 O pupilo e o mestre na edição comemorativa dos 40 anos

Abr./2014 A ruidosa capa com o goleiro que mandou matar a namorada

Out./2014 De volta ao Brasil, Kaká ainda era referência de craque

Nov./2019 Uma edição inteira dedicada ao futebol feminino

criativos continuaram sendo marca registrada da revista. Mas nem sempre a redação conseguiu contar com a boa vontade dos personagens. Aí foi preciso apelar para a tecnologia. E conto dois segredinhos. Ao acertar com o Chelsea, o técnico Luiz Felipe Scolari apareceu com um chapéu usado pela guarda do Palácio de Buckingham numa foto que remetia ao famoso retrato de Pelé na capa de REALIDADE número 1, de 1966. Tudo obra do Photoshop. Em setembro de 2008, PLACAR trazia Rogério Ceni, do São Paulo, e Marcos, do Palmeiras, lado a lado no estúdio para perguntar qual dos dois era o melhor goleiro do país. Ambos chegaram a posar para as lentes do fotógrafo Alexandre Battibugli, mas o camisa 1 palmeirense apareceu sem uniforme. Coube ao então repórter Alexandre Salvador ser dublê de corpo de Marcão (seu rosto foi aplicado digitalmente).

Em outubro de 2012, quem estava precisando de um pouco de carinho era Neymar. Outra montagem fez o craque aparecer crucificado na capa, o que irritou profundamente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em nota, a entidade religiosa mirou a medalhinha no peito: "PLACAR tentou ridicularizar a fé". Veja só: a mesma PLACAR que colocou na capa de fevereiro de 1973 o cardeal dom Paulo Evaristo Arns com uma flâmula do Corinthians, seu time de coração *(leia na pág. 26)*. Durante a ditadura militar, o cardeal arcebispo de São Paulo lutou pela volta da democracia e pelo fim das torturas. Ficou conhecido como "Cardeal dos Direitos Humanos". É difícil agradar a todos. Se bem que esse nunca foi mesmo o desejo das capas de PLACAR.

* Marcelo Duarte foi repórter e editor de PLACAR entre 1984 e 1989. De volta à revista, foi diretor de redação entre 1995 e 1998

O OLHAR DIFERENTE

UMA SELEÇÃO DAS MELHORES IMAGENS DE PLACAR EM CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIA REVELA A ARTE DE MOSTRAR O FUTEBOL EM ÂNGULOS INUSITADOS

Por Sérgio Xavier Filho*

Era batata: os fotógrafos todos se acotovelando de um lado do gramado e um sujeito sozinho do outro, arrumando com calma seus equipamentos. O lobo solitário era o fotógrafo de PLACAR. Enquanto a alcateia da imagem buscava o ângulo que tivesse a melhor contraluz, mais torcedores ao fundo, o placariano procurava a foto única, alimentava-se da exclusividade. Desde março de 1970 é assim.

PLACAR nasceu em um tempo em que o futebol brasileiro era em preto e branco. Os jornais não tinham cores em suas páginas, a primeira transmissão colorida na televisão só aconteceu em 1972. PLACAR atravessou seus primeiros vinte anos com a periodicidade semanal. Isso determinava uma lógica própria para a equipe da revista. A foto de um jogo do domingo só estaria nas bancas na terça-feira seguinte. Não adiantava brigar contra o tempo, os jornais eram mais ágeis, estariam fresquinhos já na madrugada da segunda-feira. Era preciso batalhar em outro campo, o da qualidade, o do ineditismo. PLACAR não precisava do clique clichê do gol ou de sua comemoração. Por isso seus fotógrafos iam até o limite, trabalhavam com ângulos mais fechados, arriscando-se a perder o foco. Apostavam numa ideia, escolhiam um personagem periférico do jogo, se fosse o caso. Era tudo ou nada.

O risco era alto, mas a recompensa, também. O olhar diferente na fotografia foi um dos pilares nos 50 anos da revista. Pisco del Gaiso estava na Inglaterra cobrindo a Eurocopa de 1996. No gol búlgaro contra a Espanha, deixou de lado a comemoração de Hristo Stoichkov para se fixar no goleiro espanhol Andoni Zubizarreta, que tinha acabado de tomar o gol. Já não havia movimento, apenas drama. Era a dor do goleiro que viu a bola tocar na trave, correr a linha antes de entrar no outro canto. Se nos jornais do dia seguinte a alegria de Stoichkov estampava várias capas, nas páginas de PLACAR o jogo se contava pela decepção do goleiro espanhol.

Não ter a urgência de enviar a foto para a edição do dia seguinte sempre foi uma vantagem competitiva do placariano. Ronaldo Kotscho, em um jogo do Corinthians de 1983, não se contentou com o apito final do juiz. Enquanto seus companheiros de jornal corriam para enviar o material às redações, Kotscho entrou no gramado e mirou o lateral Wladimir, que dava entrevista. A gota de suor ainda não tinha desgrudado do queixo no momento do clique. Retrato raro, e belíssimo. Em 1998, quando todos os fotógrafos mineiros procuravam uma imagem vadia do modorrento Atlético x URT, Eugênio Sávio percebeu o torcedor solitário dormindo no canto ensolarado do Mineirão. Dá trabalho sair do gramado, subir muitos lances de arquibancada e achar o enquadramento perfeito. Fazer poesia com lente fotográfica também dá trabalho.

É claro que nessa estrada os personagens ajudaram, e muito. PLACAR teve o privilégio de ter diante de si um rei — e não por acaso ele tem um capítulo para →

O QUINTO CORAÇÃO DE PELÉ

1976

Nascido em Três Corações (MG), o rei do futebol sempre se vangloriou do órgão perfeito, firme e forte, que nunca lhe deixou na mão. Até que, em 6 de outubro de 1976, num amistoso da seleção brasileira contra o Flamengo – vitória rubro-negra por 2 a 0 –, em homenagem ao volante Geraldo, que falecera depois de uma cirurgia de amigdalite, apareceu-lhe um outro coração, o quinto, estampado em suor na camisa amarela de algodão. A foto, que ficou guardada nos arquivos de PLACAR por mais de um ano, e só viria a ser publicada na edição de despedida do camisa 10, foi feita pelo carioca Luiz Paulo Machado.

LUIZ PAULO MACHADO

TRÊS VEZES DADÁ

1970

A gague visual foi sempre um dos recursos mais procurados pelos fotógrafos de PLACAR. Nessa imagem de Lemyr Martins, que se espalhou mundialmente, um pouco antes da Copa do México, Dadá Maravilha, o Dario Peito de Aço, parece ter três pernas. Serviu de breve interrupção de sorriso em torno da polêmica alimentada pela convocação do atacante do Atlético Mineiro — chegou-se a dizer que o então presidente, o general Médici, forçara a chamada do camisa 9, e por isso João Saldanha fora demitido do cargo de treinador da seleção. A informação nunca foi confirmada. Dadá foi convocado por Zagallo.

chamar de seu nesta edição especial. Pelé fez a alegria de Lemyr Martins, Sebastião Marinho e muitos outros. Lemyr e Sebastião, aliás, disputam um campeonato particular nas páginas da revista: de quem seria a foto mais linda do gol de cabeça contra a Itália na final da Copa de 70? Os dois clicaram em ângulos diferentes, uma imagem mais plástica do que a outra. Em um tempo que as máquinas não eram digitais, que o foco não era automático, Pelé está parado no ar sob o sol do meio-dia da Cidade do México. Pelé foi generoso também com Luiz Paulo Machado. Só para o fotógrafo de PLACAR o craque desenhou com o suor um coração no peito da camisa amarela, uma cortesia real que se repetiu em diversos retratos exclusivos que estamparam reportagens e capas.

Rei só teve um, mas outros príncipes da bola renderam imagens históricas. Zico presenteou J.B. Scalco com uma bicicleta perfeita contra a Nova Zelândia na Copa de 1982. Mas a foto preferida do Van Gogh dos pampas (como o talentoso gaúcho Scalco era conhecido no meio) não deu capa. Falcão partiu correndo com alegria e fúria

O CARROSSEL EM MOVIMENTO

1974

Foi fácil, 4 a 0. A Laranja Mecânica de Johan Cruyff, autor de dois gols, e do treinador Rinus Michels, girando como nunca em torno de argentinos desnorteados. A Holanda conquistaria o mundo, mas não a Copa, que ficou com a Alemanha de Franz Beckenbauer. O fotógrafo Sergio Sade, atento à movimentação – "defendiam com dez e atacavam com dez", ele lembra –, esperou uma falta para a Argentina. O lance de bola parada desperdiçado resultou na arrancada em forma de contra-ataque de todo o time holandês, à exceção do goleiro. O nome disso: balé.

SERGIO SADE

na direção de Scalco depois de marcar o segundo gol brasileiro que eliminava os italianos. Seria a capa da revista não fosse um tal Paolo Rossi estragar tudo. Não estragou. A foto segue viva. Falcão era fã de Scalco e considera essa a melhor fotografia de sua carreira. Ainda na Espanha, o fotógrafo sentiria os primeiros sintomas de uma doença cardíaca que tiraria a sua vida meses depois.

Em 2002, o voleio espetacular de Rivaldo contra a Bélgica capturado por Ricardo Corrêa foi parar... na sala de Rivaldo. Eram seis fotógrafos internacionais posicionados no mesmo lugar, mas nenhum intuiu que o craque brasileiro poderia levantar a bola com o pé esquerdo para ele mesmo completar a obra de arte no voleio. Rivaldo viu a foto na revista e se encantou. Ganhou um quadro, afinal era mesmo o dono da obra-prima.

Sobrou fotojornalismo nos 50 anos de PLACAR. A sequência de fotos de Marco Antônio Cavalcanti, Ari Gomes e Nelson Coelho ajudou a desvendar a farsa do goleiro Rojas nas Eliminatórias para a Copa de 90. O goleiro chileno fingiu ser atingido por um foguete e se cortou com uma gilete que estava escondida. A foto o denunciou.

CAMBALHOTA PARA A ETERNIDADE

1977

Oito vezes seguidas, de 1969 a 1976, o Internacional vencera o Grêmio na finalíssima do Campeonato Gaúcho. Até que o gol solitário de André Catimba interrompeu a escrita, com um tirambaço no ângulo. Era para comemorar ou não? Sim, era. Só que o atacante exagerou – quis dar um mortal, subiu barbaridade, voou, e se estatelou no gramado, machucado. O fotógrafo de PLACAR Olívio Lamas era o profissional de imprensa mais bem posicionado para registrar o homem-pássaro, o homem-gol.

OLÍVIO LAMAS

FISU

Na Copa de 1998, sorrateiramente Alexandre Battibugli enroscou uma câmera nas redes do Parque dos Príncipes, em Paris. E com um controle remoto a disparou nos gols brasileiros contra o Chile nas oitavas de final. Achar o enquadramento perfeito também exige alguma dose de transgressão.

O mesmo Battibugli foi atrás da pista de um leitor da revista. Em um terreno público, na zona central de São Paulo, haveria um campo de várzea com uma árvore frondosa plantada na linha intermediária. Era verdade, mas a foto ainda não existia. Batti descobriu o endereço e convenceu os moradores a disputar uma partida. Faltava o ângulo ideal para o retrato. Ele persuadiu o morador de um apartamento num andar alto, em um prédio vizinho, a ceder a janela e fez o clique que correu mundo.

Produzir fotos, preparar ambientes, convencer personagens a posar para as lentes pode ser tão poderoso e eloquente quanto o fotojornalismo convencional. Na história de PLACAR, não faltam exemplos disso. Um júri de notáveis elegeu em 1996 a seleção brasileira de todos os tempos — que ia de Gilmar a Pelé, passando por Leônidas da

J.B. SCALCO

AS VEIAS ABERTAS DA SELEÇÃO

1982

A expressão de alegria de Falcão, ao empatar por 2 a 2 o jogo do Brasil com a Itália, dentes à mostra, cabelos encaracolados ao vento, parece tímida diante das veias do braço, que saltam da página. A imagem, de J.B. Scalco, um dos grandes repórteres fotográficos brasileiros, que morreria em 1983, foi o derradeiro instante de felicidade de uma tarde que receberia a alcunha de "a tragédia do Sarriá". A espetacular seleção de Telê Santana perdeu por 3 a 2 e deixou a Copa da Espanha para entrar nas enciclopédias.

RONALDO KOTSCHO

ATÉ A ÚLTIMA GOTA

1983

De março de 1981 a maio de 1983, o lateral-esquerdo Wladimir fez 161 jogos pelo Corinthians — sem contusões nem suspensões. Reconhecido pela extraordinária estabilidade (nunca jogava mal) e pela raça, terminou a carreira celebrado como um dos grandes nomes alvinegros. "Para mim, o sofrimento dentro de campo sempre foi menor que a tristeza de assistir ao jogo do lado de fora", costumava dizer. Lutava em campo até a última gota de suor — como a registrada pelo fotógrafo Ronaldo Kotscho enquanto o jogador ouvia a pergunta de um radialista.

Silva, Nílton Santos, Didi, Carlos Alberto, Zizinho. Dos onze escolhidos, apenas Garrincha havia morrido. A missão foi designada ao obstinado Bruno Veiga, que deu um jeito de levar produção e luz a cada um dos craques. Eles mereciam. Leônidas estava doente, Didi andava arisco, não foi nada fácil. Mas os retratos foram todos feitos. Desse time, apenas Pelé e Gérson ainda se encontram por aqui. Os outros ficaram eternizados nesse ensaio.

Os maiores ídolos do futebol brasileiro estão no arquivo de PLACAR. Não só eles. O futebol dos coadjuvantes e dos anônimos também. Talvez nada represente melhor a história da revista que a reportagem "Um domingo de futebol no Brasil". No dia 3 de dezembro de 1973, dezenas de repórteres e fotógrafos foram para as ruas em todo o país. Peladas de jovens, veteranos, amadores, profissionais, tudo foi fotografado. Um painel do Brasil, pela lente do futebol. PLACAR, entre outras coisas, também fez seus estudos antropológicos.

* Sérgio Xavier Filho foi diretor de PLACAR de 1999 a 2012

NO MEIO DO CAMPINHO...

1996

Um leitor — e o que seria de PLACAR sem os leitores? — dera a dica: no Brás, bairro central de São Paulo, havia um campo de futebol peculiar, com uma frondosa árvore plantada próximo ao círculo central. Era um domingo de manhã, e lá foi o fotógrafo Alexandre Battibugli em busca da imagem que rodaria o mundo como símbolo da simplicidade e beleza do futebol brasileiro. Do alto de um prédio, registrou-se a cena. Fazia sol, e o juiz deu um jeito de se postar à sombra. O campo já não existe. A árvore está dentro das tímidas instalações de uma creche mantida pela prefeitura.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A FARSA REVELADA

1989

O Chile perdia de 1 a 0 para o Brasil, no Maracanã, e precisava da vitória para ir à Copa de 1990, na Itália. Aos 24 minutos do segundo tempo, um rojão caiu no gramado. O goleiro Rojas foi ao chão, urrando de dor. Em poucos minutos, via-se sangue. Sabe-se, hoje, que foi tudo uma farsa. As fotografias de PLACAR, como a de Ari Gomes, ajudaram a perícia a desfazer a contrafação: o sinalizador caíra longe do jogador chileno. Depois ele confessaria ter levado uma lâmina de barbear dentro da luva, e com ela se cortou. Rojas foi banido do futebol. O Chile, afastado das eliminatórias para a Copa de 1994. A moça que originou a confusão — depois apelidada de "a fogueteira" — posaria nua para a *Playboy*.

O ETERNO SANGUE AZUL

1996

Waldir Pereira, o Didi, bicampeão do mundo em 1958 e 1962, foi um dos craques da seleção de PLACAR de todos os tempos, escolhida por um time de 64 jornalistas – depois os jogadores foram levados a um estúdio, a convite do fotógrafo Bruno Veiga. O botafoguense Didi era chamado por Nelson Rodrigues de "o príncipe etíope de rancho", numa referência às agremiações de samba do Carnaval carioca que levavam na comissão de frente garbosos e eretos personagens – como o senhor que, aos 68 anos, segura a bola e a cabeça com a elegância que o caracterizou nos campos.

UMA CÂMERA DENTRO DO GOL

1998

As fotos inesquecíveis costumam, quase sempre, ser resultado de criatividade com alguma ousadia. Foram esses os ingredientes usados pelo fotógrafo Alexandre Battibugli numa imagem da Copa de 1998, na França, que ninguém fez. Ele pôs sua câmera entrelaçada à rede, no canto direito do goleiro chileno, que levaria o gol de Ronaldo Fenômeno, então Ronaldinho. O Brasil ganhou por 4 a 1, no Parque dos Príncipes, em Paris. E a bola, chutada da entrada da área, foi ao encontro da lente de PLACAR.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

PISCO DEL GAISO

RICARDO CORREA

O MEDO DO GOLEIRO DIANTE DO PÊNALTI

1996

Pênalti. O búlgaro Hristo Stoichkov bateu firme. A bola tocou na trave para correr em cima da linha e entrar no gol. Era a partida de estreia de Espanha e Bulgária (1 a 1) na Eurocopa de 1996, realizada na Inglaterra. Todos os fotógrafos à margem do campo, as câmeras de televisão, os torcedores na arquibancada — o mundo, enfim — correram olhos e lentes para o controverso atacante, companheiro de Romário no Barcelona. Mas Pisco del Gaiso, de PLACAR, decidiu apontar para o outro lado. Fixou-se no drama solitário, desesperado até, do goleiro Andoni Zubizarreta, inconsolável com tanto azar.

UM SENHOR JUIZ

1996

A cabeça calva do juiz italiano Pierluigi Collina o fazia diferente de todos os outros — os olhos verdes, cintilantes, compunham um personagem incontornável. Com o sol a iluminar a figura, o braço esquerdo estendido, cartão amarelo na mão, eis a composição ideal da autoridade em campo. Foi o que intuiu o fotógrafo Ricardo Corrêa no exato instante em que o árbitro puniu o zagueiro francês Oumar Dieng, durante uma partida da Olimpíada de 1996, em Atlanta. A Nigéria foi campeã, depois de eliminar o Brasil na semifinal e derrotar a Argentina na disputa pelo ouro.

O PIÃO BARROCO EM PLENO EQUILÍBRIO

2002

Entusiasmado com Rivaldo na Copa de 2002, o professor de literatura e compositor José Miguel Wisnik chegou a compará-lo a "um pião barroco em pleno equilíbrio", capaz de "ir rápido quando conduz a bola (muitas vezes sem olhar o jogo) e parecer lento quando volta bamboleando com ela, como se sofresse de uma longínqua esquistossomose". Rivaldo era um ímã para olhos treinados — e sua espetacular atuação durante a Copa de 2002 foi um desfile propício a fotos plásticas. Nenhuma superou a de Ricardo Corrêa, de PLACAR. Havia outros seis fotógrafos postados ao lado dele, ao alcance da imagem, mas apenas Corrêa flagrou o instante único, indizível. Ficou tão bom que Rivaldo tem a foto emoldurada na parede de sua casa.

UM DRAMA PARISIENSE

1998

O piripaque de Ronaldo nas horas anteriores à final da Copa do Mundo de 1998, contra a França, é uma das histórias mais mal contadas da história do futebol brasileiro. Até hoje não se sabe, com a devida precisão, o que houve com o camisa 9 — e em que condições ele entrou em campo para enfrentar os franceses liderados pelo genial Zinedine Zidane, que impuseram um categórico 3 a 0 ao Brasil. Aos olhos do mundo, as feições de Ronaldo durante a execução dos hinos, e ao pontapé de início, emanavam preocupação, dó, pena. Houve um ecumênico grito de "óóó" quando ele trombou, violentamente, com o goleiro Barthez e caiu. Levantou-se, mas aquela cena, registrada pelas lentes de Ricardo Corrêa, serviu de marco de uma jornada triste — depois recuperada com o penta de 2002.

O CLIQUE DE UMA NOVA ERA

1994

Era o início da fotografia digital em revistas — e PLACAR foi pioneira no uso da novíssima tecnologia. As câmeras eram pesadas e caras, e as imagens não autorizavam abrir as fotos em demasia. Mas havia a rapidez, a possibilidade de o clique chegar imediatamente à redação em São Paulo. E havia também a experiência de um dos grandes profissionais do Brasil, Pedro Martinelli, veterano de Copas e Olimpíadas. Ele estava do outro lado do campo, e com uma lente teleobjetiva registrou a defesa de Taffarel na disputa contra a Itália, a caminho do tetra liderado por Romário.

PEDRO MARTINELLI

ZEKA ARAÚJO

UM DOMINGO QUALQUER

1973

Dia de folga, dia de não fazer nada — dia de futebol. Um pelotão de fotógrafos de PLACAR foi deslocado, em todo o país, para mostrar a pelada de várzea, o torneio escolar, as brincadeiras de rua, além das partidas em grandes estádios. "Se o torcedor não ia para o estádio ver o seu time, porque não tinha jogo, ia para o campinho jogar a bolinha dele. Essa era a ideia da pauta", disse o repórter José Maria de Aquino. Na foto ao lado, de Zeka Araújo, os atletas amadores jogavam de pés nus ou com apenas uma chuteira — pouco importava.

AQUELA TARDE TRISTEMENTE INESQUECÍVEL

2014

Durante a Copa de 2014, PLACAR e VEJA circularam com edições diárias que alcançavam os tablets e smartphones nas madrugadas. A imagem mais forte da edição de 9 de julho prescindiu de legenda. Para quê?

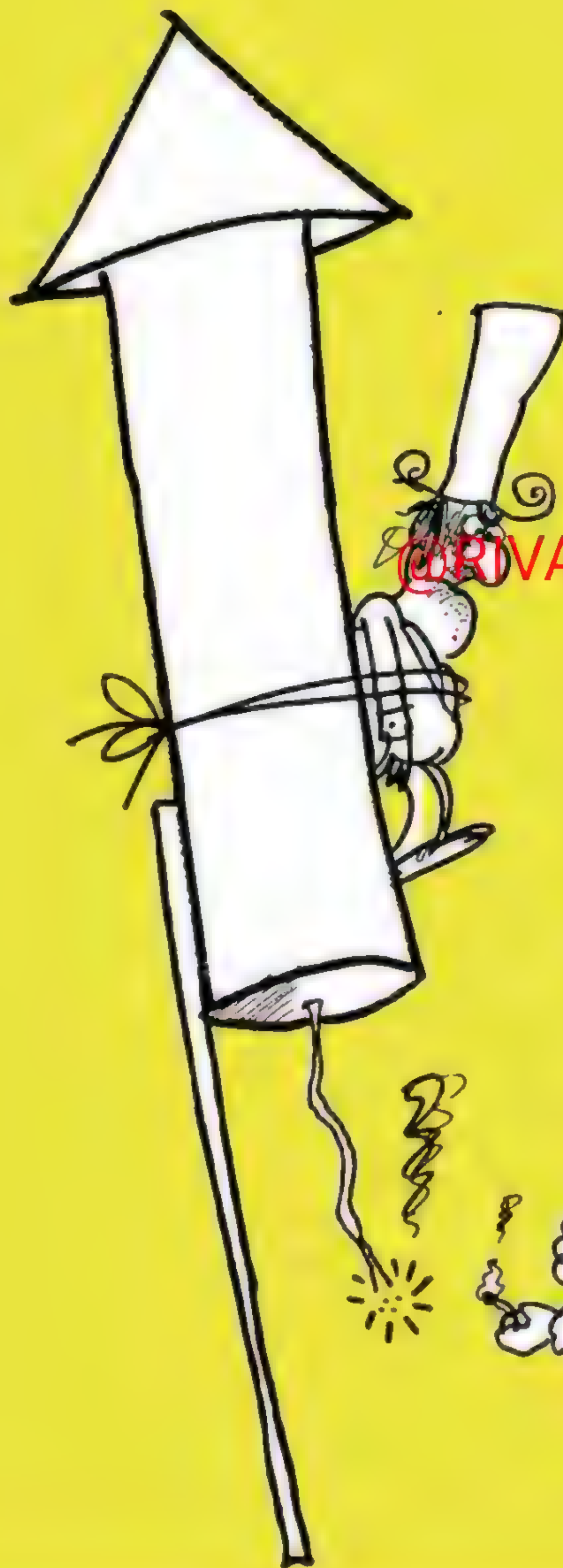
UM TRAÇO CÁUSTICO E EMOCIONADO

NAS PÁGINAS DE PLACAR, HENFIL DENUNCIOU A ENDÊMICA E CRIMINOSA POLITICAGEM FUTEBOLÍSTICA DOS CARTOLAS — MAS NUNCA DEIXOU DE EXALTAR O GÊNIO DO JOGADOR BRASILEIRO

Por Cássio Loredano*

No começo não se sabia como era. Muitos diziam Hênfil; alguns aspirando o "h": Rênfil. Que nome estranho. E que humor estranhíssimo. Tinha disso no Brasil, e ainda por cima vindo de Minas? Sensacional. A surpresa escandalizou e incendiou o país. Então foi-se sabendo, aos poucos: Henrique de Souza Filho, de Ribeirão das Neves; Henrique Filho, hemofílico; Henfil, a tônica era no "i". Expondo a própria chaga, ensinando o brasileiro a meter o dedo na própria ferida, radicalizando entre nós o aspecto fundamental do humorismo da segunda metade do século XX: a autocrítica, a autodenúncia valente, a investigação do espelho, o divã. Apontava-se menos o "outro". O grande problema sou eu, e a solução, se solução há, está em mim. O Brasil era tudo o que era e mais tudo o que não queria admitir.

Depois do Henfil, não foi mais possível ignorar, éramos também o Fradinho pequeno, perverso, racista, inescrupuloso. Henfil tirou de debaixo do tapete tudo o que para lá tínhamos zelosamente varrido o tempo todo: a nossa história inteira.

MARTIN MEISSNER/AP

Henfil
1971
DESCULPE, SEU WADI HELU... MAS FOI O PEDIDO QUE A FIEL INTEIRA ME FÊZ ÊSTE ANO...

Taí, ele mostrou. Obrigou-nos a olhar, e olhando pudemos ver. E como nos obrigou? De que recursos se valeu para puxarnos pelo nariz e nos atrair o olhar? De um bizarríssimo instrumental, que consistia no humor mais descarnado e impiedoso, sem complacência nenhuma, a serviço do qual empregou seu traço paradoxal, muito sujo — e limpo. Sem ornato algum; árido, mas claro, desagradável e magnético a um só tempo. A unidade entre enredo e aspecto era perfeita, e o recado final se resume a isto: olhe aqui que feio.

Que feia, por exemplo, no caso que aqui interessa, a atuação em geral desonesta da cartolagem no futebol brasileiro. Henfil foi revelado nacionalmente pelo *Pasquim* em 1969, um ano antes de a Abril botar a PLACAR na rua. E, imediatamente convidado a colaborar com a nova publicação, passou a empregar sua causticidade também contra a nossa endêmica e criminosa politicagem futebolística. Sem esquecer da exaltação ao gênio do jogador brasileiro. Eram exatamente as mesmíssimas teclas repisadas por João Saldanha antes ainda de seu desassombrado *Os Subterrâneos do Futebol*, de 1963. Henfil apanhou ali o final daquele momento fulgurante do nosso futebol, entre 1958 e 1970.

Morando no Rio e atuando também na imprensa diária, ora no *Jornal do Brasil*, ora no *Jornal dos Sports*, ele modernizou e, além do mais, abrasileirou a caricatura esportiva, fazendo o que Lamartine Babo fizera ao compor as marchinhas carnavalescas que substituíram os antigos hinos marcialões dos clubes cariocas, tornando a coisa mais própria, mais alegre, mais próxi-

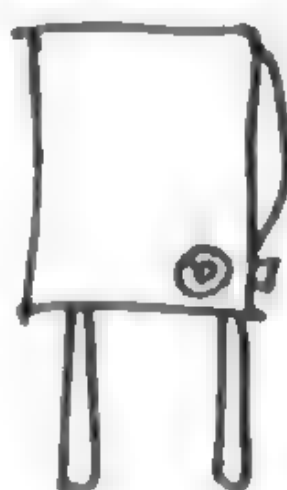
Henfil

AS DEZ

5. O ÔLHO DO TOSTÃO

VULGO DESCOLAMENTO DA RETINA. DURANTE ALGUNS MESES O ÔLHO DE TOSTÃO SE TRANSFORMOU NA CAPITAL DO PAÍS...

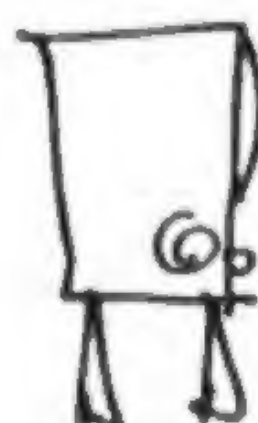
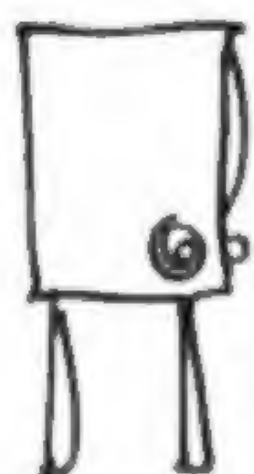
TAP!

RAPAZ! TÁ COLADO MESMO!

GRAÇAS DE 70 (III)

6 · PELÉ CEGO!

A CEGUEIRA DE PELÉ FOI DESCOBERTA POR JOÃO SALDANHA ALGUNS DIAS ANTES DE PERDER O COMANDO DA SELEÇÃO...

O PELÉ ESTÁ CEGUINHO! QUEREM VER?

VIRAM? ÊLE NUNCA ME ENXERGA...

ma da realidade futebolística do Brasil. E, assim, a Henfil se deve a substituição do almirante pelo bacalhau como símbolo do Vasco; o cri-cri tomou o lugar do Pato Donald no Botafogo; o pó de arroz, o do janota no Fluminense; e o urubu, o do marinheiro Popeye no Flamengo. O que fora agressão acabou sendo então incorporado e assumido pelas próprias torcidas, como depois aconteceria, por exemplo, com o porco no Palmeiras.

Que saudade. Como as colunas de Saldanha, Nelson Rodrigues e, eventualmente, Paulo Mendes Campos na crônica esportiva, a tira esportiva do Henfil era uma deliciosa obrigação diária. Durante meses, ficou encostado num canto da tira, alheio à cena central, um ovo imenso que o cri-cri botara — pelo fato de Carlito Rocha obrigar os jogadores do Botafogo a tomar gemada todo santo dia. De vez em quando o ovo fazia um "crac" e, afinal, o que saiu lá de dentro foi um papagaio inexplicavelmente vascaíno. Antológica entre todas é a sequência, em PLACAR, de Pelé virando estátua depois de apavorar o goleiro checo Viktor e abestalhar os outros vinte jogadores em campo, o público do Jalisco e os telespectadores de toda a face da Terra na primeira partida do Brasil na Copa de 70.

Henfil. Vou repetir o que já disse sobre ele há quase quinze anos, em outro texto: foi o diabo de um humorista, e pessoalmente (tudo nele era assim contraditório) um anjo muito puro — e muito puto com as mazelas nacionais —, que passou por aqui feito um vendaval escaldante, mas deixando tudo arejado, ventilado. Foi muito rápido.

* Cássio Loredano é caricaturista

Henfil vê BRASIL 4 x 1 TCHECOS